



A ARTE EM SER GEOGRAFIA:

Por uma cartografia (com)partilhada do sensível



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Geociências
Licenciatura em Geografia

Vitória Regina Figueiredo

A ARTE EM SER GEOGRAFIA:
por uma cartografia (com)partilhada do sensível

Porto Alegre
2021

Vitória Regina Figueiredo

A ARTE EM SER GEOGRAFIA:

Por uma cartografia (com)partilhada do sensível

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de graduação em
Licenciatura em Geografia do Instituto de
Geociências da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Élide Pasini Tonetto

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Figueiredo, Vitória Regina

A arte em ser geografia: por uma cartografia
(com)partilhada do sensível / Vitória Regina
Figueiredo. -- 2021.

66 f.

Orientadora: Élide Pasini Tonetto.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto
Alegre, BR-RS, 2021.

1. geografia. 2. relação professor-aluno. 3.
sensível. 4. pandemia. 5. arte. I. Tonetto, Élide
Pasini, orient. II. Título.

Vitória Regina Figueiredo

A ARTE EM SER GEOGRAFIA

por uma cartografia (com)partilhada do sensível

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Geografia do Instituto de Geociências da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Élide Pasini Tonetto

Aprovada em: Porto Alegre, 03 de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Élide Pasini Tonetto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Profa. Ma. Juliana Carvalho Cardoso
Estudante - Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS

Prof. Dr. Rafael Henrique Meneghelli Fafá Borges
Estudante - Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

AGRADECIMENTOS

Pensei em escrever uma dedicatória, mas minha dedicatória é justamente às pessoas às quais quero agradecer, e não caberia no *script* de uma dedicatória de poucas linhas no canto inferior direito de uma página quase vazia. Como parte da proposta deste trabalho é justamente não tomar como regra as formas as quais nos dizem ser certas ou erradas, faço desta página um agradecimento-dedicatória.

Dedico e agradeço, portanto, a todos que cruzaram pelas trajetórias da minha geografia. Em especial, àqueles e àquelas que tiveram sensibilidade com meus processos, e me incentivaram a continuar. À minha família, que com todas suas particularidades, foram parte determinante do processo de me tornar quem eu sou, e da construção das minhas percepções sobre o mundo. Agradeço a minha mãe, Silvana, por toda liberdade que me permitiu em meu desenvolvimento, e por me provocar a tantas reflexões sobre tantas questões às quais esse mundo pode envolver. É imensurável o quanto eu aprendi nessa caminhada ao seu lado. A minha geografia da experiência se tornou muito mais rica com a sua existência. Da mesma forma, dedico também aos meus irmãos, Eric e Rafael, que apesar de toda implicância que só a relação de irmãos pode proporcionar, também são responsáveis por parte do que sou e colaboraram em algumas partes no processo de realização deste trabalho.

Dedico e agradeço ao meu pai, Jorge, pelo forte incentivo em entrar nessa universidade (e a permanecer), confesso que não compreendia o quanto poderia ser importante essa graduação nesta universidade. Poucos de onde eu vim conseguem se enxergar cursando ensino superior em uma universidade federal, e eu também tive essa dificuldade por muito tempo. Obrigada por me fazer acreditar, e por todo esforço para facilitar esse caminho.

Dedico e agradeço também a minha madrinha, Maria Edith, por não medir esforços em me apoiar nas vezes que precisei ao longo da vida e da graduação. Agradeço pelo apoio, pelas conversas, viagens, e pelo exemplo de mulher, de mãe e de profissional que és. Obrigada por me incentivar ser quem sou, por compreender minhas loucuras, e por cuidar de mim.

Agradeço e dedico também a minha avó Delice, que veio a falecer um pouco antes do início deste trabalho, por complicações de saúde pelo contágio do Covid-

19. Agradeço por me permitir cuidar e residir na sua antiga casa, onde vivo a três anos, e na qual gravei todas as cenas dos curtas produzidos neste trabalho.

Para além da família, dedico e agradeço também àquelas pessoas que mesmo não sendo parte da família, e que, portanto, não tinham obrigação alguma em me ajudar, ajudaram. Essa sensibilidade foi combustível para este trabalho. Refiro-me às amigas e amigos que estiveram comigo ao longo das minhas trajetórias, especialmente àquelas amigas que também se dizem fãs e me incentivam muito a expressar meu lado artístico. Às Dras. Letícia e Carmen, à minha psicóloga Vanessa, ao meu professor de yoga Edu, e ao padrinho César e madrinha Jose, por cada um na sua especialidade, terem adaptado seus trabalhos para a minha realidade, em momentos que precisei. Todas essas ajudas ao longo da graduação, permitiram e inspiraram a realização deste trabalho de conclusão.

Agradeço e dedico também aos professores, professoras, colegas, alunos (dos estágios) que enriqueceram essa minha trajetória pela formação em Licenciatura em Geografia. Especialmente aqueles professores e professoras que tiveram sensibilidade em compreender minhas necessidades ao longo da graduação, souberam adaptar seus planejamentos.

E por fim, um agradecimento especial para a professora Dra. Élide, minha professora-(des)orientadora. Sou profundamente grata pelas nossas geografias terem se cruzado nesta graduação e na realização deste trabalho. Não poderia ter feito melhor escolha. Nossas interações ao longo deste trabalho expandiram meus horizontes sobre o papel e a importância do/a professor/a na vida do/a aluno/a. Seu trabalho tornou-se uma inspiração. Obrigada por acreditar nas minhas potencialidades e me incentivar a materializar minhas ideias aqui de forma livre, em desapego às formas tradicionais. Obrigada!

*Vou mostrando como sou
E vou sendo como posso
Jogando meu corpo no mundo
Andando por todos os cantos
E pela lei natural dos encontros
Eu deixo e recebo um tanto
E passo aos olhos nus
Ou vestidos de lunetas
Passado, presente
Participo sendo o mistério do planeta*

(Novos Baianos, Mistério do Planeta)

RESUMO

Este trabalho foi elaborado a partir de uma abordagem teórico-metodológica de perspectiva pós-crítica, com amparo da etnografia, permitindo certa flexibilidade quanto à estrutura de realização da pesquisa, sendo a liberdade de criação em desprendimento às formas ditas como corretas para realização de pesquisa científica, justamente um dos objetivos do trabalho. Através dessa abordagem, os objetos e objetivos do trabalho foram transformando-se ao longo do processo de criação, de forma que a própria relação professora-aluna, entre orientadora e pesquisadora, tornou-se objeto de reflexão e inspirou a escolha do objeto principal de pesquisa: a relação professor-aluno. O problema encontrado a partir de experiências da pesquisadora como aluna da graduação de Licenciatura em Geografia - UFRGS, especialmente em um momento de pandemia pelo vírus Covid-19 e de Ensino Remoto Emergencial (ERE), foi a necessidade de que os professores sejam sensíveis quanto as diferentes geografias dos alunos, de forma a considerá-las em seus planejamentos, sabendo ser flexíveis quando necessário. Foi apontado, então, a arte como caminho para provocar essa sensibilidade, esse olhar oblíquo sobre a realidade. Baseando-se em autores como Massey (2008, 2009, 2017), Queiroz Filho (2018), Ranciére (1996, 2009), Deleuze (1992, 1997, 2015) e Larrosa (2002, 2015), entre outros, foram feitas reflexões sobre a importância de outras geografias, para além da Geografia com “G” maiúsculo, como uma geografia do corpo e uma geografia da experiência; o papel da sensibilidade e de um olhar poético sobre o espaço e suas múltiplas possibilidades e coexistências; e a importância de que o professor exercite esse olhar sobre as geografias dos alunos. Para cultivar a sensibilidade ao planejar, buscando estimular tal sensibilidade sobre as geografias do outro, se trilhou caminhos pela arte, através da produção de dois curtas. Baseados nas experiências da pesquisadora com o ERE durante a pandemia, e inspirados nas experimentações “corpo-sonoro-polifônicas” propostas por Borges e Queiroz Filho (2020), em seu projeto “Ver de Ouvir ao Caminhar”, os curtas foram produzidos como uma cartografia (com)partilhada do sensível, utilizando de outros sentidos para além da visão, como forma de promover certa conexão com as geografias expostas nos curtas a partir do sentir. Todo o processo de criação do trabalho foi também objeto de estudo da pesquisa, pela forma como aconteceu, de acordo com as interações entre a pesquisadora, orientadora, colegas e professores, sendo a produção dos curtas parte dos resultados, por serem considerados fruto dessa relação sensível e de incentivo às potencialidades da aluna-pesquisadora. Ao ouvir as reações de alguns colegas ao assistir os curtas, foi possível considerar como resultados também o êxito em proporcionar uma experiência sensorial, e concluir que a busca da pesquisadora por expressar suas reflexões através da arte acabou por dar voz e visibilidade sofrimentos invisíveis dos alunos, principalmente em um contexto de isolamento social.

Palavras-chave: Geografia; Relação professor-aluno; Sensível; Pandemia; Planejamento.

ABSTRACT

This work was elaborated from a theoretical-methodological approach from a post-critical perspective, with the support of ethnography, allowing some flexibility regarding the structure of the research, being the freedom of creation in detachment to the forms considered as correct to carry out research. scientific, precisely one of the objectives of the work. Through this approach, the objects and objectives of the work were transformed throughout the creation process, so that the teacher-student relationship itself, between advisor and researcher, became an object of reflection and inspired the choice of the main object of research: the teacher-student relationship. The problem found based on the researcher's experiences as an undergraduate student of the Degree in Geography - UFRGS, especially at a time of pandemic by the Covid-19 virus and Emergency Remote Teaching (ERE), was the need for teachers to be sensitive about the different geographies of the students, in order to consider them in their planning, knowing how to be flexible when necessary. Then, art was pointed out as a way to provoke this sensitivity, this oblique look at reality. Based on authors such as Massey (2008, 2009, 2017), Queiroz Filho (2018), Ranci re (1996, 2009), Deleuze (1992, 1997, 2015) and Larrosa (2002, 2015), among others, reflections were made on the importance of other geographies, in addition to Geography with a capital "G", as a geography of the body and a geography of experience; the role of sensitivity and a poetic look at space and its multiple possibilities and coexistences; and the importance of the teacher exercising this look on the students' geographies. To cultivate sensitivity when planning, seeking to stimulate such sensitivity about the other's geographies, paths were taken through art, through the production of two short films. Based on the researcher's experiences with the ERE during the pandemic, and inspired by the "body-sound-polyphonic" experiments proposed by Borges and Queiroz Filho (2020), in their project "Ver de Ouvir ao Caminhar", the shorts were reproduced as a cartography (com) shared from the sensitive, using senses other than vision, as a way to promote a certain connection with the geographies exposed in the short films based on feeling. as it happened, according to the interactions between the researcher, supervisor, colleagues and professors, with the production of short films being part of the results, as they are considered the result of this sensitive relationship and encouragement to the potential of the student-researcher. Upon listening to the reactions of some colleagues while watching the short films, it was also possible to consider as a result the success in providing a sensory experience, and conclude that the researcher's quest to express her reflection through art ended up giving voice and visibility to the students' invisible sufferings. , especially in a context of social isolation.

Keywords: Geography; Teacher-student relationship; Sensitive; Pandemic; Planning

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	
2 A DESCOBERTA DO TEMA	13
2.1 ATRAVESSAMENTOS	20
2.2 POR UM PLANEJAR SENSÍVEL	25
2.3 A ARTE COMO FORMA DE DESACOSTUMAR-SE	26
2.4 FRUINDO COM AS POSSIBILIDADES	28
3 PRODUÇÃO DOS CURTAS: DESAFIOS E DESCOBERTAS	31
3.1 PERCEPÇÃO DOS ELEMENTOS SENSÍVEIS (COM)PARTILHADOS	33
3.2 CRIAÇÃO DO ROTEIRO	35
3.3 ALGUMAS MUDANÇAS	38
3.3.1 Novos Elementos a Partir do Olhar Oblíquo	39
3.4 EDIÇÃO	41
4 “PENSER AUTREMENT”: PANDEMIA, ISOLAMENTO, TECNOLOGIA E ENSINO.	43
4.1 PANDEMIA	43
4.2 ISOLAMENTO	47
4.3 TECNOLOGIA E ENSINO	49
4.3.1 Apresentando o Invisível	52
5 POR UMA CARTOGRAFIA (COM)PARTILHADA DO SENSÍVEL	56
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

Em minha experiência como aluna, especialmente da graduação (no caso, Licenciatura em Geografia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e ainda mais ao longo dos quase dois anos de estudo no formato de Ensino Remoto Emergencial (ERE) em decorrência da Pandemia pelo vírus Covid-19¹, senti em alguns momentos a necessidade de compartilhar um pouco das minhas experiências cotidianas com alguns professores, na esperança de que pudessem adaptar de alguma forma o seus planejamentos para a minha realidade. Muitas vezes fui compreendida e atendida em minhas necessidades, permitindo que permanecesse na graduação e continuasse a explorar minhas potencialidades. Outras vezes, alguns professores não tiveram essa sensibilidade, e não foram capazes de flexibilizar seus planejamentos, tornando a minha experiência ainda mais pesada, me fazendo pensar em desistir. Além de todas as demandas do curso superior, sempre tive que conciliar estudo e trabalho, e lidar com muitas outras questões cotidianas que dificultavam o meu desempenho na graduação, o que se acentuou durante a pandemia, o isolamento e o ensino remoto.

Como professora em formação, e mais especificamente formação para o ensino de Geografia, me propus a pensar sobre a importância de que o professor tenha sensibilidade em perceber a realidade de seus alunos, e de que considere essas geografias em seus planejamentos. Com as reflexões ao longo do processo de criação deste trabalho, compreendi que essas experiências eram também geografias, geografias com “g” minúsculo, que conforme QUEIROZ FILHO, “é indicativo de uma forma de inteligência: a capacidade de encontrar começos cada superfície de contato, é um estudo dos “múltiplos processos de troca”” (2018, p. 312).

Como caminho para aflorar essa sensibilidade perante a experiência cotidiana, este trabalho afirma a potencialidade de um olhar poético sobre essa experiência, relacionando a arte a esse potencial de desobediência ao ritmo rápido ao qual estamos habituados a viver, que não permite que percebamos os detalhes, os nuances das paisagens pelas quais percorremos, e que sejamos sensíveis as geografias das pessoas com quem convivemos.

¹ De março de 2020 até o momento de escrita deste trabalho, em novembro de 2021.

Buscando estimular essa sensibilidade através da arte, e, trazendo este tema para o campo da educação e da relação professor-aluno, neste sentido, produzimos dois curtas baseados nas minhas experiências durante a graduação, no momento de pandemia pelo Coronavírus. No entanto, apesar de partir de experiências minhas, nos interessamos por produzi-los justamente por termos consciência de que essa era uma experiência coletiva, especialmente no contexto de pandemia. Com isso, construímos então, ao longo da pesquisa, uma cartografia (com)partilhada do sensível, a partir de um olhar oblíquo sobre a experiência cotidiana, buscando reconhecer e evidenciar esses elementos sensíveis, vivenciados de forma compartilhada, e compartilhá-los também, através dos curtas.

A ideia dos curtas foi inspirada nas experiências “corpo-sonoro-polifônicas” do projeto “Ver de Ouvir ao Caminhar: mapear narrativo dos lugares e paisagens de um corpo sonoro polifônico” de Antônio Carlos Queiroz Filho e Rafael Henrique Meneghelli Fafá Borges. Buscamos proporcionar, através do curtas, uma experiência sensorial que proporcionasse esse olhar sensível sobre as geografias presentes no curta, revelando também a importância dessa sensibilidade na relação professor-aluno.

No entanto, este não era o objeto de estudo desde o princípio de criação deste trabalho. Os objetos de estudo, bem como os objetivos desta pesquisa foram transformando-se ao longo do processo de criação. Este trabalho apenas tomou as proporções nas quais existe hoje, bem como teve como resultado a produção dos curtas, a partir da forma como fui incentivada pela professora-orientadora a acreditar no meu potencial de criação. Dessa forma, o tema da relação professor-aluno surgiu ao longo desse processo de criação, a partir das interações minhas (pesquisadora) com a professora-orientadora.

Portanto, utilizamos da etnografia como metodologia, pelo meu grau de inserção, como pesquisadora, no contexto e no objeto da pesquisa, onde “o sujeito deixa de ser pensado como uma entidade prévia ao discurso, para ser tratado como o próprio efeito da discursividade (ou da atividade interpretativa).” (DAMICO e KLAIN, 2012, p. 63), e também por

voluntariamente utilizar as recordações de elementos da própria memória. Em vez de tentar convencer o leitor da verdade dos relatos, apelando para formas textuais em que a autoridade acadêmica se torne o critério de fidedignidade do texto, os etnógrafos pós-modernos tentam promover uma compreensão mediante reconhecimento, identificação, experiências

personais, emoção, discernimento e formas de comunicação que comprometam o/a leitor/a com planos outros que unicamente o racional; (DAMICO e KLAIN, 2012, p. 68).

Assim, buscamos, eu e a professora-(des)orientadora, fruir com as possibilidades, fluindo com e usufruindo/desfrutando do processo de criação. Somente a partir de uma metodologia pós-crítica seria possível a elaboração deste trabalho da forma como ele foi elaborado. Parte do objetivo de criação desta investigação foi justamente não permitir que o processo criativo fosse interrompido ou barrado por alguma estrutura metodológica, buscando uma “reincorporação da criatividade como elemento-chave da pesquisa”, assim como explica Gastaldo:

Como consequência de pensar e fazer pesquisas organizadas a partir do referencial pós-crítico, os/as autores/as rechaçam o caráter normativo dos métodos de pesquisa. Ao relativizá-los e revitalizá-los a partir do problema de pesquisa e da orientação teórica, criam-se novas metodologias ou métodos de geração de dados. Esse processo traz consigo a reincorporação da criatividade como elemento-chave da pesquisa qualitativa, mas, apesar de inovadora, a desconstrução das normas metodológicas está acompanhada de desafios. O primeiro deles é como descrever tais práticas metodológicas, quando conceitos bem estabelecidos já não retratam o ocorrido na pesquisa. (GASTALDO, 2012, p. 11).

Dessa forma, o presente trabalho foi estruturado por um conjunto de processos:

- a) Processo de descoberta do tema, explicando todo o percurso de criação desde o surgimento da primeira ideia, os atravessamentos, as possibilidades, até o momento da conclusão de como seria feito o trabalho;
- b) Processo de criação e produção dos curtas, com a escolha dos elementos que comporiam as paisagens visuais e sonoras, a produção do roteiro e a forma como foram surgindo elementos ao longo das gravações;
- c) Compreensão do contexto geográfico em que os curtas foram produzidos a partir do conceito de “pensar autrement” (Foucault), considerando o momento de pandemia, isolamento social, e a intensificação do uso de tecnologias digitais na educação e em nossas relações pessoais, compreendendo assim a importância da produção dos curtas.

d) Reflexão sobre os caminhos trilhados e seus resultados.

2 A DESCOBERTA DO TEMA

Durante minha vida escolar, ao pensar em possíveis profissões, nunca pensei em ser professora. Por anos após estar formada no ensino médio², nunca pensei na possibilidade de lecionar. Minha experiência com a escola não tinha sido tão interessante. Sempre tirei notas altas, tinha facilidade em responder o que esperavam que eu respondesse, e isso me rendia boas notas, no entanto, isso não fazia sentido para mim. A escola não tinha um papel social importante, pelo menos naquele formato que vivenciei, obrigatoriamente, durante anos da minha vida. Entrei na Geografia por achar interessante absolutamente tudo que é estudado nesse curso. A Licenciatura veio junto, e aos poucos fui entendendo sua importância e que ela não precisava ser como foi para mim. Compreendi os interesses presentes no formato no qual ela funciona hoje. A partir disso, compreendi também a importância de ocupar esse espaço e fissura-lo.

Atribuimos à fissura o mesmo sentido dado por Deleuze à dobra, em que a relaciona ao Barroco e aos territórios artísticos de maneira inteiramente inovadora, prática e diríamos didática, “há dobra em toda parte: nos rochedos, rios e bosques, nos organismos, na cabeça e no cérebro, nas almas ou no pensamento, nas obras ditas plásticas... Mas nem por isso a dobra é um universal.” (1992, p. 199), ao contrário, “é um ‘diferenciador’, um ‘diferencial’” (ibidem, p. 199), que projeta singularidades sobre a matéria e abre caminho para que novas formas sejam criadas. (FRANÇA, 2019, p.2622)

Aos poucos, fui descobrindo a existência de outras pedagogias, que me soaram muito mais interessantes, e trouxeram sentido para necessidade de passarmos tantos anos frequentando a escola. Não faria sentido para mim, lecionar da mesma forma em que vivenciei a educação em meus anos como estudante na educação básica. Teria de encontrar outra profissão.

Paralelo aos meus estudos, tanto na época de escola, quanto em minhas formações no ensino superior, sempre existiu a música. Através da música e de outras formas de arte, sentia e vivia uma realidade que não me foi apresentada na escola, e que essa sim tinha muito sentido para mim. As letras das músicas me ensinavam tanto, me traziam tantas reflexões, que nunca tinham respostas exatas como as respostas exatas que me eram cobradas na escola. As melodias, com seus

² Entre 2013 e 2017.

ritmos e instrumentos, traziam tanta história e sentimentos diferentes... As poesias me faziam sentir a realidade a partir de vivências e olhares tão distintos e interessantes... Estudei em disciplinas como Artes e Literatura³ um pouco dessas poesias e algumas outras formas de arte, no entanto, a impressão que tive foi de que sempre envolvia decorar informações e dar respostas exatas, enquanto sentia que a arte sempre poderia ser mais.

Ah, e nem ao menos quero que me seja explicado aquilo que para ser explicado
teria que sair de si mesmo. Não quero que me seja explicado o que de novo
precisaria da validação humana para ser interpretado.
(Clarice Lispector, A Paixão Segundo G.H.)

Conforme fui aprofundando meus estudos na Geografia, fui percebendo a potencialidade de compreensão do espaço a partir da arte. Compreendi que aquilo que sentia falta na escola era de outras formas de ver o mundo, de entender o espaço, da valorização de outros sentidos e outros raciocínios para além do lógico/matemático.

Ao final do curso de Licenciatura em Geografia, carrego em síntese a ideia⁴ de que a Geografia é a disciplina responsável por preparar os estudantes para serem cidadãos, compreendendo o espaço em que vivem e suas funções e potencialidades de ação nele. Para isso, tem sido utilizada como recurso e linguagem, em sua grande maioria, a literatura científica e uma cartografia baseada em elementos físicos. Tais abordagens e recursos são de extrema importância para esse processo de compreensão do espaço, no entanto, existem elementos subjetivos que não são compreendidos a partir deles, mas que muitas vezes se expressam claramente através das mais diferentes manifestações artísticas.

Uma das coisas maravilhosas sobre a Geografia é, certamente, a sua amplitude, o caminho que nos permite cruzar as fronteiras de outras disciplinas. Mas isso não deve obscurecer o fato de que a Geografia também tem a sua própria integridade intelectual, os seus próprios

³ No ensino Fundamental e Médio, de 2002 a 2003 na Unidade de Ensino São Mateus, e de 2004 à 2012 na Escola Estadual de Ensino Médio Presidente Kennedy, ambas localizadas na cidade de Cachoeirinha, RS.

⁴ Esta síntese faz uma colagem de leituras e abordagens vividas ao longo do Curso de Licenciatura em Geografia-UFRGS a partir das minhas experiências, que carregam consigo as marcas deste espaço-tempo formativo, não pretende ser uma definição, a rigor, das concepções do referido curso.

caminhos específicos para explorar e proposições para defender. (MASSEY, 2017, p. 37).

Explorando os sentimentos que envolvem a experiência de cada um em um determinado espaço, podemos desenvolver a partir da sensibilidade com o outro, uma melhor compreensão sobre as singularidades coexistentes em um mesmo espaço. Para além do raciocínio lógico das teorias científicas, podemos explorar a partir das emoções e de outros sentidos (além da visão), o que significa experienciar esse espaço, e os diferentes impactos que ele exerce em cada um; bem como o impacto das nossas ações nele, e suas consequências para o outro. Proponho então que se explore, através de experiências sensoriais a partir da arte, o que falta no embasamento teórico/científico (ou de um determinado modo de fazer ciência): a compreensão do espaço a partir das emoções e sentimentos que emergem da experiência de cada um em uma determinada espacialidade.

Atualmente no campo da educação, tenho notado⁵ muita preocupação com a necessidade de cumprir o que se pede na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) - o que não é necessariamente um ponto negativo em si - mas que pode vir a ser se a necessidade e/ou preocupação for segui-la como caminho único, por meio da limitada função de “entregar conteúdo aos alunos, aplicar atividades, calcular notas e decidir se aprova ou se reprova”⁶. Tal processo poderia ser feito inclusive por uma máquina, de forma racional, a partir de uma lógica fria e calculista, e sabemos que esse não é o papel do professor. Em uma instituição educacional (escola/universidade/espços educativos diversos), estamos lidando com pessoas com as mais diversas vivências e potencialidades, na sala de aula e para além dela. Seres humanos que estão em um ambiente, no qual passam grande parte do seu tempo, da sua vida. Também, para além do que aprendem na escola, fora dela, estão descobrindo o que é estar nesse espaço a partir da sua realidade de vida. Esse processo de descoberta, especialmente na infância e na adolescência, envolve muitos aspectos emocionais e sensoriais, respostas aos acontecimentos da vida, e muito disso acaba por ser expresso (por quem compõe), e sentido (por quem aprecia) através da arte.

⁵ Baseado em experiências enquanto estagiária, conversas com professores da educação básica e colegas da Licenciatura em Geografia, etc.

⁶ Deixamos as expressões entre aspas para a reflexão, pois são expressões usadas cotidianamente em espaços escolares e acadêmicos que circulei, que infelizmente contribuem para reduzir o papel do professor há um “entregador” e o estudante há um “receptor”.

Ao trazer experiências sensoriais para sala de aula, estamos valorizando esses sentimentos que envolvem a nossa vida cotidiana, mostrando que são reais, que se relacionam diretamente com o que é estudado sobre o mundo em sala de aula, e que são tão importantes quanto o conhecimento teórico-científico, e o raciocínio lógico-matemático. Explorando os sentidos e as emoções, trazemos a experiência do cotidiano para a sala de aula, compreendendo e valorizando a própria experiência de vida, bem como a do outro, a partir de um olhar sensível. Dessa forma, o que chamo de experiência não se dá não apenas pelo acúmulo de informações, pelo contrário

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituirmos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. (LARROSA, 2002, p.21).

A partir do desenvolvimento da compreensão do espaço dessa forma, muitos podem ser os benefícios, tanto para o processo de ensino, quanto para os educandos, e para a sociedade: ao relacionarmos o processo de aprendizagem a outros olhares, aos sentimentos, a outras formas de expressão, podem surgir outros potenciais, outras respostas, que vão além do que compreende a BNCC e qualquer outro documento, com padrões pré-estabelecidos(documentados ou não)⁷. Para, quem sabe, da mesma forma, os próprios estudantes sintam-se valorizados e passem a valorizar seus diferentes potenciais, suas experiências únicas, e suas visões de mundo, suas geografias.

A partir dessa forma de compreensão do espaço, descobrimos muitas necessidades de modificação nele. Considerando que estamos sendo parte importante no processo educativo de pessoas que atuarão das mais diversas formas na sociedade, a valorização de um olhar sensível pelo outro pode vir a causar fissuras aos mais diversos espaços em que estas pessoas irão ocupar na sociedade. No entanto, este trabalho não trata de uma atividade artística em sala de aula do ensino básico, nem mesmo de uma proposta de trabalho da geografia no ensino

⁷No entanto, não devemos desconsiderá-los, mas sim, nos apropriarmos criticamente deles, o que foge ao escopo deste trabalho.

regular, e já explicarei os motivos pelos quais adotei uma outra abordagem para a pesquisa.

Quero tanto ao mesmo tempo
São tantas linhas se cruzando em mim
Acho que tô dando um nó
(autoral, 2021)

Deste modo, preciso contar que o trabalho se iniciou com a ideia e o desejo de relacionar música com geografia. Dois temas que me atravessam de forma intensa, e pelos quais me vejo muitas vezes dividida. Foi uma tentativa de união – minha talvez. Pensando de forma prática/objetiva, cansada das demandas de estudos da faculdade, da pandemia, trabalho etc. Enfim, cansada mesmo, pensei em planejar atividades utilizando a música no ensino de Geografia, considerando inclusive o que é proposto pela BNCC. Mas cheguei à conclusão de que seria algo medíocre⁸. Poderia fazer perfeitamente uma pesquisa assim, cumprir todos os pré-requisitos para um trabalho de conclusão, mas não estaria colocando nem meu potencial, nem meu coração naquilo. No fim das contas não estaria unindo nada (pessoalmente), apenas concluindo meu curso, e ponto final. Abaixo, um trecho de música lembrado pela professora-orientadora, ao ler o que escrevi acima:

Society, havemercyon me
Hope you're not angry if I disagree
Society, crazy indeed
*Hope you're not lonely without me*⁹

Mas essa ideia durou poucos dias em minha mente. Logo após o surgimento desse plano perfeito para conclusão fácil e rápida do curso, realizei a

⁸De qualidade média, mediana; que não é bom nem mau: obra medíocre. Sem criatividade; banal: projeto medíocre. Característica do que é comum, ordinário, trivial.

⁹ Tradução literal: “Sociedade, tenha misericórdia de mim. Espero que você não esteja com raiva se eu discordar. Sociedade, louca mesmo. Espero que você esteja sozinho sem mim”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lm8oxC24QZc>

primeirareunião com a primeira – e única possível, (des)¹⁰orientadora. Só consigo ser grata a ela pela explosão (senti)mental que me causou. Já havia sido sua aluna, confesso que não era a mais aplicada, pelo contrário, sempre cheia de questões a resolver, atrasos, prazos a serem repensados... No entanto, ela aparentava acreditar que eu poderia oferecer mais do que aquilo. Então, ela me convidou a “*penser autrement*”, termo que eu aprendi ao longo da pesquisa, inicialmente acreditava que ela me estimulava a pensar “fora da caixa”¹¹. Mas enfim, se ela estava me encorajando ou propondo aquilo, quem seria eu para negar? Logo eu!

Foi então, com o leve empurrãozinho desta professora, que este trabalho começou a surgir no formato em que está existindo agora. No entanto, essa não foi sua única contribuição nessa história, pois construímos/tecemos a investigação juntas. Por mais que eu tenha escrito cada palavra deste trabalho, que a ideia inicial, o roteiro, e que as filmagens tenham sido feitas por mim, e que contarei mais adiante; eu só fiz pois ela acreditou no meu potencial e soube, de forma inexplicável, me provocar a ir além do que eu mesma acreditava que poderia fazer.

Ao mesmo tempo em que crio, em que escrevo, me surpreendo com onde posso chegar, e percebo que, talvez, os planos mais ambiciosos, sejam possíveis. Que talvez eu possa sim materializar pelo menos boa parte do que imagino. Assim, percebo minha capacidade de devir-criação e de estabelecer linguagens para expressá-la, bem como, estratégias de comunicação para descrevê-las/reescrevê-las ao longo deste trabalho.

O devir-criação está dimensionado na esfera da criação artística, de tudo que se passa no estado anterior à produção dos atributos exprimíveis, e que se estendem na duração processual e no resultado refletido de modo infinito. O devir-criação é uma qualidade que se opera no artista por uma vontade de se fazer chegar o acontecimento ou mesmo por ele esperar, para estabelecer condições para que seja emergido o elemento volitivo interno e se produza uma imagem, um pensamento imagem do objeto (ou estado de coisas) que existe internamente pela força dessa imagem-pensamento, e que para se efetuar necessita ser produzida por uma relação de causalidade externa, a qual Deleuze chama de Proposição (DELEUZE, 2015, p. 13-23), e neste momento que é pela linguagem que a proposição é operada e assim passamos para o próximo paradoxo. (FRANÇA, 2019, p. 2626).

¹⁰ Nesse caso, seu papel foi de desorientar no sentido de me incentivar a ignorar certas orientações e protocolos padronizados para realização de TCCs, acreditando no meu potencial de ir além.

¹¹ Ao final da pesquisa compreendo que a frase é um jargão/clichê do mundo empresarial, o termo vem do inglês *Thinking outside the box*, e não tem relação com os propósitos éticos e políticos dos processos de criação que produzimos ao longo da construção deste trabalho.

A partir da ideia inicial de relacionar música com o ensino de Geografia, surge a discussão sobre outras cartografias, para além da cartografia visual, tradicional, a dos mapas modernos. Passamos a discutir sobre as diferentes formas como cada ser experiencia cada espaço de forma única. Como modificamos e somos modificados, atingidos, por determinados espaços. Como elementos de um mesmo ambiente, atingem de forma diferente cada um, e modificam nossa realidade, pois:

O espaço é a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade; é a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; é a esfera da possibilidade da existência de mais de uma voz. Sem espaço não há multiplicidade; sem multiplicidade não há espaço. Se o espaço é indiscutivelmente produto de inter-relações, então isto deve implicar na existência da pluralidade: Multiplicidade e espaço são co-constitutivos. (MASSEY, 2009, p.08).

Assim, percebendo essa complexidade das interações em cada espaço, lembramos o quanto a música, assim como as outras diversas formas de arte, são justamente uma expressão dos sentimentos que surgem a partir dessas interações. O quanto a arte muitas vezes é um grito para que se perceba esse sentimento, que é único, individual em suas complexidades, mas que muito tem em comum com outras complexidades, de outros seres. O quanto também, essas expressões conseguem nos fazer sentir o que o outro sente, compreender de forma sensorial a realidade do outro.

A ideia se tornou então estimular esse olhar sobre o espaço, sobre o outro e as diferentes cartografias, a partir das sensações, experimentadas através da arte. No entanto, a dificuldade de estar presencialmente na escola, com a pandemia, nos fez refletir um pouco mais sobre o que poderia ser feito. Era realmente algo interessante para mim, trazer tal abordagem para a geografia na escola, e eu explicaria aqui sobre a importância de saber compreender as necessidades do outro, e o quanto seria importante para o mundo que fosse algo estimulado durante os anos escolares. Poderia colocar muitas citações e teorias sobre a importância de abordagens como essa nas escolas, do quão grande seria o potencial de mudança social (e de fato seria), mas outra abordagem nos atravessou, e fez total sentido.

2.1 ATRAVESSAMENTOS

Conversando com a orientadora, descobri que na verdade o que ela enxergava de potencial em mim, vinha de quando havia sido sua aluna, numa disciplina em Ensino Remoto Emergencial, em meio a Pandemia. Mas, naquela disciplina eu não era pontual, não entregava os trabalhos em dia, não fazia todas as atividades, nem mesmo estava presente em todas as aulas. Óbvio que não era capricho meu, tive meus motivos. Mesmo assim, diante de tais comportamentos, como ela poderia me considerar uma boa aluna? Um dia, quando vi que não conseguiria entregar uma atividade dentro do prazo, por estar envolvida com problemas familiares, resolvi mandar um e-mail para ela, relatando o que eu estava vivendo, e que aquela situação estava me impedindo de realizar o que foi planejado para a disciplina. Ela¹² entendeu a minha situação, e se dispôs a mudar os planos, a flexibilizar o prazo e até mesmo a entrega daquela atividade. Eu senti um alívio. Eu estava lidando com muita demanda, mas ainda sim, após os ajustes nas datas e nas formas de entrega, consegui escrever o artigo que precisava ser escrito para a disciplina – a atividade mais importante.

E foi ali, naquele e-mail, que ela enxergou as minhas geografias, do espaço da relação professora-aluna-universidade como coexistência de múltiplas trajetórias (MASSEY, 2008). Ela viu que não seria somente a partir do que ela havia planejado que a minha capacidade seria explorada, ou que determinaria se eu poderia ou não ser aprovada na disciplina. Eu poderia ter desistido da disciplina caso aquele trabalho fosse realmente obrigatório, ou se o prazo permanecesse o mesmo para a entrega. Eu realmente não estava em condições de realizar. Poderia ter atrasado a minha formação, ou até desistido de vez. Mas ela viu que eu poderia mais. Que o que importava não era aquele prazo, e sim que eu não desacreditasse de mim, e me mantivesse firme em meus planos, apesar das adversidades que estava passando. Apesar da complexidade que o espaço e o tempo em que me encontrava representava para mim, bem como, do calendário acadêmico e das atividades nele previstas, que seguiam seu curso pré-estabelecido, encontramos (professora e eu) algumas fissuras.

¹²Ela aqui também se estende a professora Denise Wildner Theves, que realizava ações entrelaçando as turmas A e B numa determinada disciplina, juntamente com a minha orientadora, por meio das ações de docência compartilhada desenvolvidas pelas duas professoras.

Quando começamos a conversar sobre o trabalho de conclusão, eu não me lembrava mais disso. Já havia se passado um ano desde aquela situação, mas ela lembrava. E ela me lembrou. Eu re-li os emails que trocamos, e me passou um filme na cabeça. Passei a lembrar de todas as vezes em que pessoas como ela estiveram em meu caminho, e souberam enxergar a complexidade em que me encontrava, e me ajudar, sem obrigação alguma. Felizmente, recebi muita ajuda em meu caminho, e tenho plena certeza de que só consegui escrever este trabalho de conclusão, pois elas conseguiram compreender as minhas necessidades (educacionais, financeiras, emocionais e outras) e adaptar seus planos para que eu pudesse realizar o que gostaria, pudesse expressar minhas distintas potencialidades.

Deixo a seguir um trecho da música *Alucinação*, do Belchior, lembrado também pela professora-orientadora, e que realmente cabe muito para o momento:

Eu não estou interessado em nenhuma teoria
 Nem nessas coisas do oriente, romances astrais
 A minha alucinação é suportar o dia a dia
 E meu delírio é a experiência com coisas reais
 Um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha
 Blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais
 Garotas dentro da noite, revólver: cheira cachorro
 Os humilhados do parque com os seus jornais
 Carneiros, mesa, trabalho, meu corpo que cai do oitavo andar
 E a solidão das pessoas dessas capitais
 A violência da noite, o movimento do tráfego...

A partir das nossas conversas, fui compreendendo o quanto a minha geografia era importante também, assim como a de todos nós, a de cada um. Percebi que não deveria me culpar tanto por não saber de tanta teoria, não ler tudo que era indicado pelos professores, pois eu estava vivendo muito daquilo, me esforçando ao máximo para suportar o dia a dia, como nos ensinou Belchior, ou ainda com o que compreendi com Massey (2008) “a teoria surge da vida” – e foi o que aconteceu com este trabalho.

Ainda pensando sobre aquele e-mail (com a professora), lembrei de outras experiências com professores que souberam acolher minhas necessidades e ainda

me estimular a ir além. Porém, houve também experiências contrárias, de professores que não conseguiram compreender que o esforço que eu estava fazendo dentro do meu contexto, era proporcional ao dos demais alunos em suas outras realidades, mas que ainda assim, não conseguiria cumprir com seu planejamento. E eles não mudaram o planejamento, não adaptaram. Eu me adaptei então, mas foi difícil, foi duro. Poderia ter desistido, pensei diversas vezes nisso. Em cancelar a disciplina com tal abordagem, deixar para outro momento, mas eu não queria atrasar mais a minha formação, e me desdobrei para dar conta de tudo. E fiz. Mas fiz com raiva. E passei a questionar posturas e abordagens sobre o ensino de Geografia que desconsideram o planejamento como algo encarnado, vivo e que considera o contexto e os corpos dos envolvidos, pois, para mim, não fazia sentido aprender, criticar ou refletir sobre práticas de ensino se eu mesma estava tendo experiências difíceis¹³ como aluna. Percebi o quanto a falta de sensibilidade pode afetar o outro, de forma a dificultar o seu percurso: “se aprender a ter um corpo implica em aprender a ser afetado. Ser afetado, então, é marca definidora daquilo que nos constitui como “território de passagem”, corpo vibrátil, superfície sensível.” (QUEIROZ FILHO, 2018 p. 84)

A partir das conversas com minha orientadora, compreendi que seu planejamento pedagógico não consegue ser indiferente a essas geografias. É o que sinto também. Não vejo como poderia desconectar uma coisa da outra. Qualquer pessoa pode ensinar algo para alguém, mas um professor tem o compromisso de saber o que está ensinando, conseguir compreender de onde estão partindo (o que ela já sabe) e qual caminho seria mais interessante para a pessoa. Portanto, ressignificamos o planejamento, compreendendo tal planejamento como estratégia de política cultural, assim, planejar é arma de luta (UBERTI, 2021)

As teorias sobre o ensino, as descobertas sobre como as pessoas aprendem, são importantíssimas para que consigamos nos aperfeiçoar cada vez mais no processo de ensinar, mas de nada adianta toda a teoria se na prática ignora-se a realidade daquele estudante, daquela turma, daquele contexto especificamente. Em primeiro lugar é importante ter sensibilidade. Teoria-prática-sensibilidade são co-produzidos na relação professor-aluno. Somente a partir da compreensão do

¹³ Minha percepção pessoal como aluna naquele contexto e momento de Ensino Remoto Emergencial (ERE).

contexto daquele estudante/turma, é que podemos pensar nas abordagens propostas, e qual seria mais adequada para aquele momento.

Por isso mesmo, fiquei refletindo sobre a importância realizar atividades como essa que estamos nos propondo a fazer, para estudantes da licenciatura. O olhar sensível as geografias dos estudantes (escolas/universidades/espços educativos diversos) é inerente a formação de professores, pois são profissionais que estarão cotidianamente em contato com múltiplas geografias.

Além da minha vida como estudante, vivi isso na pele também nos estágios não-obrigatórios¹⁴ que fiz. Com a necessidade de me sustentar, logo no primeiro semestre da graduação estava desempregada e fui procurar estágio. Logo em seguida encontrei uma vaga, mas a universidade só autorizava iniciar um estágio a partir do segundo semestre. Por algum motivo, a vaga se manteve aberta, até que, ao me matricular no segundo semestre do curso, pude iniciar.

A vaga era de estagiária de inclusão em uma Escola Municipal de Porto Alegre/RS. Eu estava iniciando o segundo semestre da graduação, não sabia nada sobre lecionar. Nada. Além disso, havia tido muito pouca convivência com pessoas com deficiência até aquele momento. Na época em que eu estava na escola (de 2002 a 2012) havia uma ou duas pessoas com deficiência na escola inteira, isso que era uma escola grande (inicialmente funcionava da primeira série ao final do ensino médio, com no mínimo três turmas de cada série do fundamental e médio, considerando todos os turnos, algumas séries tinham até seis turmas).

Caí de paraquedas naquela escola (de agosto de 2017 a agosto de 2019). Nela, minha função era auxiliar as crianças com deficiência (sim, crianças, pois no turno em que eu estava acabei trabalhando com Educação Infantil e Anos Iniciais) a fazerem suas atividades, auxiliando no transporte (locomoção pelos espaços da escola, no caso de alunos com dificuldades de mobilidade) e na higiene pessoal, quando necessário. Era uma escola grande também (aproximadamente 1500 alunos), mas agora, com a obrigatoriedade das pessoas com deficiência frequentarem escolas comuns, havia muitos estudantes de inclusão. Havia mais ou menos quinze crianças no meu turno que se enquadravam nos pré-requisitos para serem atendidos pela Sala de Integração e Recursos (SIR), fora as várias outras crianças que tinham muita dificuldade em certos aspectos, mas que ainda não se

¹⁴ Uma prática comum entre meus colegas, estudantes de Geografia da UFRGS.

sabia bem do que se tratava aquela dificuldade, e eu acabava auxiliando também sempre que possível. Para todos esses estudantes, éramos eu e mais um estagiário. Dividíamos-nos para conseguir auxiliar cada estudante, pelo menos alguns períodos na semana. Aos que tinham maior necessidade de apoio, dedicávamos um pouco mais de tempo.

Me assustei no início. Achava que alguém me ensinaria o que fazer, no entanto, aos poucos fui percebendo que nem mesmo a psicopedagoga responsável por nós, estagiários, sabia exatamente o que fazer. O planejamento mudava a cada aula. Tudo dependia de como aquela criança iria responder às atividades propostas. Raramente uma atividade era utilizada para mais de uma criança. Assim, compreendi que é parte do processo formativo “[...] perder-se no sentido teórico, corporal” (CANEVACCI, 2009, p.18).

Para o autor, perder-se, desenraizar-se, é potência para experimentarmos outros arranjos, outras combinações. Em suas palavras: “não é mais como antes, em que você buscava a metodologia e aplicava o método naquele contexto, [agora] cada fragmento quer e deseja a sua própria metodologia” (CANEVACCI, 2009, p. 19-20).

Sempre pensávamos na necessidade particular de cada um, observando de onde ela estava partindo, o que já sabia e o que mais precisava desenvolver. Havia crianças autistas, crianças com síndrome de down, crianças que tiveram paralisia cerebral, microcefalia, etc. Nenhuma era igual a outra, e não havia nenhuma fórmula para compreender a necessidade de cada uma, o necessário era sensibilidade e um (re)planejar contínuo das estratégias.

Durante aproximadamente um ano, desses dois anos e meio em que trabalhei com inclusão, auxiliiei uma menina de dez anos que havia tido paralisia cerebral na hora do nascimento. Ela não tinha a habilidade da fala, e não andava, tinha força nas pernas para saltar e se arrastar pelo chão, mas não tinha coordenação para caminhar, então na escola utilizava cadeira de rodas para se locomover. Mesmo com ela não pronunciado nenhuma palavra corretamente, consegui estabelecer uma comunicação com ela e realizar atividades, reconhecendo o que ela sabia, o que compreendia e no que precisava de mais estímulo. Além das questões da deficiência, ela tinha uma personalidade forte, também era bem grande para sua idade, e era um pouco agressiva quando queria algo (muitas vezes esse algo era o lanche dos colegas, ou outros objetos deles, que ela queria pegar pra ela). Eu que

achava que não sabia nada, acabei por me tornar uma das duas únicas pessoas na escola que ela respeitava e por quem tinha afeto, e que conseguia realizar atividades pedagógicas com ela.

A verdade é que nem mesmo as crianças sem nenhuma deficiência são iguais. Nenhuma parte exatamente do mesmo lugar. Essa sensibilidade é importante sempre. É sempre importante que se compreenda a geografia de cada um ao planejar.

2.2 POR UM PLANEJAR SENSÍVEL

Com essas lembranças, conversando com a professora-orientadora, fomos percebendo o quanto é importante para os professores esse olhar cuidadoso sobre o outro. Sobre as geografias dos alunos. Sobre o quanto afetamos, positivamente ou negativamente, a vida do outro, podendo pensar inclusive em outras formas de interação/profissão, para além da relação aluno-professor. Sobre o quanto podemos estimular e impulsionar alguém para além das suas próprias expectativas inclusive, ou desmotivar e fazer com que o outro desacredite de sua própria capacidade, a partir da forma como acolhemos ou não a sua realidade e suas complexidades. Percebendo isso, lembrei do seguinte trecho da música Lágrimas Negras, da Gal Costa:

Belezas são coisas acesas por dentro
Tristezas são belezas apagadas pelo sofrimento...

Ao longo da minha trajetória, muitas vezes me vi assim, apagada pelo sofrimento. Nunca foi somente cursar a faculdade, sempre foi necessário trabalhar, manter uma casa, ajudar minha mãe que estava passando por um momento delicado de saúde. Em meio a isso, cuidar para não cair em relações abusivas, ajudar amigos em situações também complicadas. Em meio a isso, frequentar a universidade, me deparar com algo totalmente novo, pessoas muito diferentes das que eu estava acostumada a conviver, me impressionando também por muitas delas terem pensamentos parecidos com o meu.

Muitas vezes me vi muito empolgada com algo que estava aprendendo na universidade, na verdade, como já falei antes, escolhi este curso pois tudo em seu currículo me parecia muito interessante. Conviver com pessoas que também se

interessam sobre aquilo tudo também era algo muito estimulante. No entanto, sempre havia algo atravessando isso tudo, quebrando parte dessa empolgação, apagando-a.

Faço essas reflexões a partir das minhas experiências, no entanto, sei que não é somente sobre mim, e é por isso que escrevo. É por esse motivo que estou fazendo este trabalho. Há inclusive uma romantização dessa forma de viver, de enfrentar as coisas, principalmente ligadas à imagem da mulher. A ideia de mulher guerreira. Não tenho interesse em aprofundar essa discussão neste momento, citei apenas ilustrar o quanto isso é normalizado, o quanto estamos acostumados a essa condição de apagamento. Acostumados a aceitar, a correr e a deixar passar batido por todas as belezas do caminho.

Deste modo, penso que um planejar sensível não é indiferente a tudo isso, e também não se dá de modo individual, é sempre compartilhado e coletivo, ou ainda uma estratégia de política cultural, como aprendemos com Corazza (1997) e Uberti (2021).

2.3 A ARTE COMO FORMA DE DESACOSTUMAR-SE

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado.
[...]

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

(COLASANTI, 2016)

Como diz no título, “a gente se acostuma, mas não deveria”. Eu, particularmente, não consigo me acostumar. Quando a coisa acesa em mim se apaga, adoeço. Isso acontece quando assumo muitos compromissos, quando tento dar conta de tudo que a sociedade me diz ser necessário, ou quando tento ir além, mas mil situações se atravessam no caminho, dificultando ainda mais. Quando tento cumprir com todos pré-requisitos. Quando me dobro toda para caber em uma caixinha. No entanto, nesses momentos sufocantes, algo me traz um pouco de oxigênio, a arte.

Vejo na arte o poder de reacender aquilo que estava se apagando, talvez a partir daquilo que está aceso no outro, e está sendo expresso através dela, como uma vela que, com sua chama, pode ascender muitas outras velas. Com o acontecimento da pandemia, inclusive, quando passamos a ficar isolados em casa, e que mesmo quando encontrávamos alguém, estávamos impedidos de dar abraços, beijos; impedidos de contatos físicos de carinho, afeto, justamente em um momento tão duro, de tanta tristeza e aflição, a presença da arte no cotidiano tornou-se questão de sobrevivência.

Sendo a arte fruto da imaginação do artista, e tomando para ela o sentido da imaginação como “exatamente aquele que entende o imaginar como um processo que provoca variações no automatismo da sensibilidade, da nossa capacidade de agir e de pensar.” (QUEIROZ FILHO, 2018, p. 51). Dessa forma, há na arte o potencial de ruptura desse ritmo acelerado que nos é imposto, bem como desse olhar rápido e superficial sobre as diferentes geografias e paisagens, dessa falta do sensível e, por vezes, da negação das emoções. E estou convicta que não há porque negar as emoções, pois

Já faz certo tempo que as emoções deixaram de ser consideradas como um ato primitivo, pelo menos pelas ciências humanas. Posso afirmar, amparado em autores como Didi-Huberman e Jacques Rancière, que a sensibilidade é uma das formas de inteligência mais refinadas, exercendo, portanto, papel político fundamental em tempos de velocidade, aparência e instantaneidade. (QUEIROZ FILHO, 2018, p. 77).

Vejo que a partir dessa experiência sensível que a arte proporciona, podemos sentir um pouco do que o outro sente, sentir um pouco da geografia do outro, para além de todas as explicações teóricas e racionais (também necessárias, mas não

somente) sobre as diferentes realidades. Portanto, assim como Queiroz Filho (2018), trago “a perspectiva de que ciência e arte estão no mesmo patamar, possuem a mesma ‘autoridade’” (p. 78).

2.4 FRUINDO COM AS POSSIBILIDADES

Conversando com minha orientadora sobre essa forma de entender as diferentes geografias e essa relação com a arte, com as emoções; surge nela a ideia de apresentar à mim o projeto Ver de Ouvir ao Caminhar, de Antônio Carlos Queiroz Filho e Rafael Henrique Meneghelli Fafá Borges, onde utilizaram a técnica de multidimensionalidade sonora (bineural áudio), para proporcionar uma experiência sensorial a partir do sentido da audição, propondo uma “paisagem sonora”:

Assumimos como nossa principal baliza a ideia de que a experiência que temos com o mundo se dá de corpo inteiro. Ao caminhar, ouvimos, sentimos cheiros, esbarramos, tocamos, e também, vemos. Foi com esse entendimento que produzimos experimentações corpo-sonoro-polifônicas. (BORGES e QUEIROZ FILHO, 2020, p.1)

Ao ler sobre o projeto, e experienciar a escuta dos sons produzidos pelos autores, percebi que estava chegando perto do que eu realmente gostaria de propor em meu trabalho. Senti, em forma de arrepios pelo corpo, o enorme potencial daquela forma de abordar uma cartografia diferente, de forma a fazer-nos realmente sentir aquela experiência trazida ou produzida nos áudios. Experiência essa repleta de subjetividades, que é também fantasia e poética, no sentido explicado por Dardel:

A realidade geográfica é para o homem o lugar onde ele está... mas essa realidade não toma forma senão em uma irrealidade que a ultrapassa e a simboliza. Sua ‘objetividade’ se estabelece em uma subjetividade, que não é pura fantasia. Que a denominemos sonho ou devoção, um elemento que impulsiona a realidade concreta do ambiente para além dele mesmo, para além do real, e, então, o saber se resigna sem culpa a um ‘não saber’, a um mistério. (2011, p.34)

Após escutar os áudios tive uma inspiração inicial, como falei anteriormente, a de propor uma atividade ainda na Educação Básica: a ideia seria a de utilizar sons, como um áudio disponível no *Youtube*, em que Maria Bethânia lê “Banhos de Mar” de Clarice Lispector¹⁵, e talvez algumas músicas, que trouxessem, de forma poética,

15

https://www.youtube.com/watch?v=p87ILuUvE3U&ab_channel=SanfonasdoA%C3%A7%C3%BAcar

descrições sobre o dia a dia, experiências específicas em relação ao espaço em que ocorrem, destacando características como sensações, emoções, opiniões sobre determinadas situações, etc.; de forma que fosse possível conectar-se com as sensações da autora em interlocução com seus possíveis ouvintes. A partir disso, utilizando a memória afetiva, e a ideia de uma paisagem que vai além do que abarca a visão, conforme Queiroz Filho:

Corpo de palavras que é, também, corpo como pensamento. Corpo como paisagem que é, senão, um constante afetar e ser afetado. Paisagem, portanto, que não quer mais ser “apenas o que é possível abarcar com a visão”. É, pois, em face dessas questões que me pus a pensar esse “apenas que é possível abarcar com a visão”: como pensar a ideia de um sujeito que olha e de um objeto que é olhado quando consideramos, por exemplo, a sonoridade como elemento constituinte da nossa percepção e experiência? E quando consideramos o deficiente visual, ele não teria direito à “paisagem”? Somente esses dois aspectos já tensionam o conceito como algo que é resultado de uma passividade, de uma contemplação, de um olhar que recebe uma exterioridade pronta. (2018, p. 100).

E com isso propor que descrevessem alguma situação que lhe trouxesse sentimentos semelhantes, em forma de texto, áudio, música ou poesia; a fim de estimular esse olhar sensível sobre a relação com o espaço (e a forma como cada um pode vivenciar de formas diferentes o mesmo espaço) explorando formas diferentes de cartografia, para além dos mapas e recursos visuais.

Provavelmente, é mais aceito agora, embora ainda seja importante argumentar, que muito da nossa “geografia” está na mente. Ou seja, nós carregamos conosco imagens mentais do mundo, do país em que vivemos (todas aquelas imagens da divisão Norte/Sul), da rua ao lado. (MASSEY, 2017, p. 37).

Poderia também propor que se pensasse, com o áudio da Maria Bethânia, por exemplo, que os estudantes descrevessem o caminho para a escola/faculdade, atentando-se aos detalhes da paisagem, aos sons, aos cheiros, às pessoas, aos sentimentos, etc. Poderia ao final, haver um momento compartilhamento desses registros, talvez de forma anônima se preferissem. Esses áudios e músicas poderiam ser de autoria de artistas de diversos recortes sociais, trazendo a vivência de cada um, e evidenciando essas diversas formas de interação e de percepção do mesmo espaço.

No entanto, como já foi explicado, havia algumas dificuldades relacionadas ao momento de distanciamento social, e com isso também o atravessamento daquelas outras abordagens, sobre a relação professor-aluno. Então, traçamos um paralelo

com a inspiração inicial de relacionar a Geografia com a música (e com a arte de forma geral), e com a (re)lembração das experiências vividas por mim durante minha graduação, e especialmente durante a pandemia; surge então a ideia de propor sim uma atividade artística, mas voltada para professores, e professores em formação. Produziria(mos) um vídeo sobre experiências vividas na pandemia de COVID-19, trazendo à tona a importância de considerar as diferentes geografias dos alunos, e do outro de forma geral, evidenciando os impactos das nossas ações (ou não ações) sobre a vida do outro.

Lembrando das situações diversas que vivenciei na relação com os professores da graduação e seus planejamentos, senti(mos) a necessidade de produzir dois vídeos (que acabaram por se tornar curtas), um para cada situação: uma experiência com um planejamento mais rígido e outra com um mais flexível, propondo-se assim, trazer um pouco das sensações que essas diferentes formas de planejamento, de interação e formas de se comunicar podem provocar nos estudantes. Para preservar a mim e as pessoas envolvidas nas situações, optamos por não mostrar mensagens reais trocadas com os professores e colegas, mas situações e mensagens próximas às reais.

Tal abordagem, voltada para professores e professores em formação, tomou muito sentido para mim, visto que sou, além de aluna, uma futura professora, e por saber que estas situações que vivenciei não se resumem apenas a mim, mas as situações vivenciadas por muitos colegas de meu convívio (e imagino que por muitos mais) nesse momento repentino de Ensino Remoto Emergencial (ERE), em meio a uma Pandemia. Imagino inclusive que tenha havido situações muito piores, mas neste momento, sinto que posso falar somente a partir do que vi e vivi.

Os dois curtas produzidos estão disponíveis na plataforma *YouTube*, e podem ser acessados através dos *links* a seguir:

- Curta 1:

https://www.youtube.com/watch?v=1cEI8K-dV78&ab_channel=VitoriaFigueiredo

- Curta 2:

https://www.youtube.com/watch?v=srDgIPvqgpg&ab_channel=VitoriaFigueiredo

Recomendo que sejam assistidos antes de continuar a leitura, visto que explicarei a seguir elementos do vídeo, e seria interessante que os experienciassem primeiro.

3 PRODUÇÃO DOS CURTAS: DESAFIOS E DESCOBERTAS

Embora a ideia da produção dos curtas provocasse em mim muita empolgação e muitas ideias para sua elaboração, representava também um grande desafio. Na verdade, alguns desafios (pelo menos dois). Um deles foi o desafio já explicado anteriormente, sobre a dificuldade de romper a barreira do medíocre, ter coragem para expressar meu potencial, e acreditar no que sou capaz de produzir. Não é fácil lidar com a liberdade de poder escolher e/ou criar o caminho a ser percorrido. Talvez fosse mais fácil estar presa, como disse Clarisse Lispector em *Paixão Segundo G.H.*:

No entanto na infância as descobertas terão sido como num laboratório onde se acha o que se achar? Foi como adulto então que eu tive medo e criei a terceira perna? Mas como adulto terei a coragem infantil de me perder? Perder- se significa ir achando e nem saber o que fazer do que se for achando. As duas pernas que andam, sem mais a terceira que prende. E eu quero ser presa. Não sei o que fazer da aterradora liberdade que pode me destruir. Mas enquanto eu estava presa, estava contente? Ou havia, e havia, aquela coisa sonsa e inquieta em minha feliz rotina de prisioneira? Ou havia, e havia, aquela coisa latejando, a que eu estava tão habituada que pensava que latejar era ser uma pessoa. É? Também, também.¹⁶

A gente se acostuma, e parece que fica fácil, embora estejamos andando com o freio de mão puxado. Eu sempre fui uma pessoa com muitas ideias, mas muito poucas eu realmente consegui materializar. Poucas vezes acreditei o suficiente no potencial daquilo que imaginava, no potencial do meu devir criação, a ponto de traduzi-lo para o mundo da materialidade e apresentar a outras pessoas. No entanto, neste trabalho, a partir do forte incentivo da professora-(des)orientadora, consegui acreditar o suficiente nas minhas ideias para apresentá-las aqui.

O outro desafio era o fato de que nunca havia produzido um curta. Não tinha noções técnicas de filmagem, posição de câmeras, roteiro e edição. Realmente tive(mos) muitas ideias quanto aos elementos que traria(mos) nos curtas, e uma ideia clara das sensações que gostaríamos de passar ao espectador, mas era algo ainda muito abstrato, apenas ideias soltas em nossas mentes, o que França, a partir

¹⁶ Novamente pedimos licença poética a ABNT, a fim de dar outra forma e cor a citação.

de Deluze entende como devir “Devir é o vir a ser, é o tornar a ser algo, é o que está sempre em movimento, o processo, o entre, pois não está no passado, apesar de se projetar nele, se pretende no futuro, sem ao menos ser certo sua efetuação.” (FRANÇA, 2019, p.2626) ou ainda puro devir, ou devir-louco, “é o que não tem medida, é o ilimitado, é a matéria do simulacro, é onde há o paradoxo”. (FRANÇA, 2019, p.2626).

Talvez, justamente pela falta de técnicas e conhecimento sobre possíveis “regras” sobre produção audiovisual, e com isso, total consciência de que seria uma produção caseira e descomprometida com normas estéticas, senti-me livre para explorar meu olhar oblíquo, sendo oblíqua, entregue a disposição de me lançar ao desconhecido, permitindo perder-me, em desapego literalmente “ao fluir das emoções” (CANEVACCI, 2004, p. 14).¹⁷

Mas tão importante quanto a sua própria desobediência, é o fato da linguagem, enquanto uma forma estabelecida de estética-política, se permitir ser desobedecida. Talvez nem seja uma permissão e sim uma tomada de poder daqueles que fazem dela seu lugar de liberdade e emancipação. Daqueles que ora desconfiam, ora desconhecem e, por isso mesmo, fazem atuar o indefinido como efetiva abertura do possível, dos possíveis. (QUEIROZ FILHO, 2018, p. 27 e 28).

Inspiradas na ideia de experimentações corpo-sonoro-polifônicas proposta por Queiroz Filho e Borges (2020), representada por eles através da técnica de multidimensionalidade sonora; apesar de optar pela utilização de elementos visuais junto aos elementos sonoros, buscamos proporcionar uma experiência para além da imagem visual, buscando outras formas de apresentação da realidade, na tentativa de produzir no espectador as sensações de vivenciar aquelas situações apresentadas nos curtas, os diversos elementos daquela geografia, rompendo o limite do “pensamento cartesiano”, restrito ao visual:

Estou me referindo à própria ideia de visão. Diria ainda, do real como resultado da visão ou, dito de outro modo, o processo de “produção industrial das imagens”, que, em grande medida, tem sido o principal responsável pela intensa: desvalorização dos sentidos na produção de conhecimento e re-valoriza o pensamento “cartesiano”, educando o olho a ver o homem e o mundo conforme as possibilidades e os limites destas formas de representação da realidade (MIRANDA, 2001, p. 28 *apud* QUEIROZ FILHO, 2018 p. 101).

¹⁷Texto original: “Canevacci ainda não tinha intimidade com São Paulo quando a viu pela primeira vez. Como pôde ele então se dispor à polifonia? Porque era ele. Ser privilegiado? Não. Ser oblíquo, entregue à disposição de se lançar ao desconhecido. Ele se permitiu perder-se. Em desapego, lançou-se ao “fluir das emoções” (CANEVACCI, 2004, p. 14)” (QUEIROZ FILHO, 2018, p. 63).

Pensamos também em produzir vídeos curtos, em torno de três minutos, adequando a proposta à rapidez a qual estamos habituados hoje em dia com as tecnologias, redes sociais, e o bombardeio de informações deste mundo globalizado. No entanto, ao pensar o roteiro, e ao longo das gravações, fui percebendo a necessidade de um ritmo lento, e de muitos elementos para que fosse possível aventurar-se pelo sensível, os detalhes das geografias, a partir de uma forma poética de habitar:

Podemos pensar, então, numa poética do habitar a cidade contemporânea, não como fato verificável, mas como uma potencialidade combativa diante de fluxo de passividade, automatismo e repetição, ou seja, contra a mera reprodução de uma experiência do viver metropolitano mecanizado, que toma de assalto os lugares e converte nossa relação com eles em um mero princípio mercadoria-consumo (TAVARES, 2013, p. 172).

Dessa forma, rompendo um pouco a “ideologia do sistema da globalização, uma ideologia da aparência, da evidência e do presente” (AUGÉ, 2010, p. 16). Para isso, permiti-me mergulhar nas memórias das minhas experiências como aluna da graduação, especialmente neste momento de pandemia, e Ensino Remoto Emergencial. Reli os e-mail que troquei com os professores, e recordei-me de tudo que vivi nesse período até chegar na fase de realização do presente trabalho, o Trabalho de Conclusão de Curso, mapeando o sentir desse tempo e espaço, produzindo uma cartografia do sensível. Como já foi dito, nunca foi apenas cursar a faculdade, sempre houve muitas outras questões paralelas a isso. Muitos eram os sentimentos envolvidos naquele momento, e seria impossível representá-los apenas com imagens ou em vídeos rápidos de dois ou três minutos. Percebi também que aquele olhar poético sobre aquela situação, sobre aquela geografia, vinha de um olhar oblíquo, assim como tenta explicar Lispector em *Água Viva*:

“como te explicar? Vou tentar. É que estou percebendo uma realidade enviesada. Vista por um corte oblíquo. Só agora pressenti o oblíquo da vida. Antes só via através de cortes retos e paralelos. (...) A vida oblíqua é muito íntima”. (1998a, p. 62-63).

3.1 PERCEPÇÃO DOS ELEMENTOS SENSÍVEIS (COM)PARTILHADOS

A partir da ideia inicial, do devir, foi necessário pensar como apresentar isso, através de quais linguagens e estratégias de comunicação seria possível

materializar essas ideias. Começamos a pensar então em quais elementos tanto sonoros, quanto visuais, remeteriam com maior intensidade esse olhar oblíquo sobre a realidade que estaríamos apresentando no vídeo, de forma a proporcionar as sensações daquela experiência, como uma geografia da experiência, de Larrosa, em que é possível:

Parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes (...) cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2015, p. 25).

Passamos a pensar então nos pequenos detalhes daquela experiência, naquele contexto de Ensino Remoto Emergencial. Lembramos de sons clássicos deste momento de ensino remoto, como o som do digitar no teclado, os áudios das aulas online mesclados aos sons do ambiente doméstico, como cachorros latindo, passarinhos cantando, sons de noticiários sobre a situação pandêmica; e possivelmente alguma música ao fundo, ou alguma poesia sobre o momento. Como imagem, pensamos na imagem do e-mail sendo escrito ao professor, aulas em formato de videochamadas sendo realizadas, navegação pelo portal do aluno, intercaladas com cenas cotidianas como lavar louça enquanto escuta alguma aula, alimentar-se, ou alguma relação com algum familiar.

Embora estivesse produzindo os curtas a partir de experiências minhas, a partir da minha geografia sendo atravessada por esse momento de pandemia e de ensino remoto, e pela falta ou presença da sensibilidade no planejamento das disciplinas; sei que não foi somente a minha geografia da experiência a ser afetada; e esse é um importante motivo para realização deste trabalho.

O trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio, mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrem. O mapa exprime a identidade entre o percurso e o percorrido. Confunde-se com seu objeto quando o próprio objeto é movimento. (...) Não se trata da busca de uma origem, mas de uma avaliação dos deslocamentos. Cada mapa é uma redistribuição de impasses e aberturas, de limiares e clausuras. (DELEUZE, 1997, p. 73-74).

Por isso, foi necessário pensar nos elementos citados acima, detalhes do cotidiano dos estudantes e professores nesse momento pandêmico, dessa

subjetividade do próprio meio, estabelecendo relação entre as suas geografias e a representada no curta.

3.2 CRIAÇÃO DO ROTEIRO

Após pensar nos elementos principais que poderiam ser utilizados, foi necessário começar a organizar um pouco as ideias. Para isso, iniciamos a elaboração de um roteiro, estabelecendo uma ideia inicial de ordem dos eventos que apareceriam no vídeo, relacionado aos elementos sonoros e visuais de cada momento. O roteiro foi proposto por mim e teve a colaboração da professora-orientadora, especialmente por meio de leitura e questionamentos. A primeira versão do roteiro foi feita da seguinte forma:

Vídeo 1 (impacto negativo na vida da aluna, pela suposta falta de sensibilidade do(a) professor(a))

Imagem	som	fala
recortes de momentos do dia a dia: mãos lavando a louça, comendo, entregando remédio e água para alguém - Filmagem (ideia inicial);	vídeo aula ao fundo, cachorro latindo, avião passando, respiração.	professor falando na aula, fazendo pergunta, silêncio. - Pensar na frase e pedir áudio para profa. Élide
escrevendo mensagem para colegas no whats, escrevendo que está cansada, que não consegue cumprir os prazos	digitação, pessoas ao fundo, respiração, mensagem chegando	poesia sobre o momento/leitura do que está escrevendo Qual poesia? Voz aluna
portal do aluno, opção de cancelar matrícula, entra e sai da página	cliques, cachorros latindo, respiração	silêncio
escrevendo e-mail para o professor (escreve, apaga, escreve, apaga)	digitação, silêncio, respiração	fala sobre o que está escrevendo
fecha computador, sai no pátio, pés no chão, mão na terra, cachorros	respiração com choro, cachorros latindo, avião	silêncio, poesia, silêncio

- Filmagem (ideia inicial);	passando, passarinhos, vento	
indo dormir, escuro - Filmagem (ideia inicial);	passos, barulho do interruptor, abrir e fechar de porta, cama	silêncio
acordando, acendendo a luz, colocando música, colocando música, dançando - Filmagem (ideia inicial);	despertador, interruptor, abre computador, coloca música, dança (pés no chão)	talvez cantarolar
abrir email de resposta do professor, mão batendo na mesa - Produzir e-mail	som de tensão, respiração aflita, choro, batida na mesa	leitura do e-mail
abrir página de cancelamento da disciplina/curso	digitação, respiração ofegante, clicks, pessoas ao fundo	silêncio, poesia
fechando notebook bruscamente, fica tudo preto	barulho do fechamento brusco do computador	Silêncio

Vídeo 2 (impacto positivo na vida da aluna, pela sensibilidade do(a) professor(a))

imagem	som	Fala
video aula rodando <i>no Google Meet, sem aparecer os rostos.</i>	som da aula, pessoas falando ao fundo, cachorro, respiração	o professor pergunta: alguma dúvida? Pausa no som: sensação do "silêncio", vácuo. - Pensar na frase e pedir para profa. Élide falar.
escrever email: escreve, apaga, escreve apaga...	respiração, teclado,	falando o que escreve, talvez de

		forma bem poética
envia, fecha o computador, pega o violão (foco no computador e no violão, não penso em mostrar o rosto)	respiração aflita, silêncio, violão e voz	talvez uma poesia sobre o momento e música
email da professora	som do email recebido, risada, respiração, passarinhos cantando	leitura do email
abre outras abas, continua estudando, abre whats pra falar com colegas	recebe/manda áudio pra colegas sobre trabalhos, apito das mensagens, som do teclado, música ao fundo.	mensagens sobre trabalhos/aulas

Elaborado pela autora, 2021.

Após pensar nos elementos, foi necessário pensar o que precisávamos para gravar cada uma das cenas. Na maioria das cenas eu estava sozinha, no entanto, havia cenas importantes em que eu precisaria de mais pessoas. O áudio que estaria sendo reproduzido enquanto eu lavava a louça, por exemplo, não poderia ser gravado com a minha voz. Então, escrevi uma fala e pedi para que meu irmão gravasse um áudio interpretando-a. Assim, consegui colocar o áudio para reproduzir na caixa de som enquanto lavava a louça.

Na aula síncrona pela plataforma *Google meet* também precisei de mais pessoas. Nesse momento, pedi para alguns familiares e amigos participarem da chamada, expliquei a eles o motivo daquela videoconferência, e pedi autorização para colocar a imagem da videochamada com os nomes reais de quem participou. E para encenação da aula, a própria professora-orientadora se prontificou a atuar. Expliquei a ela como eu gostaria que fosse a cena, e ela interpretou e atuou.

Para as cenas de enviar e receber e-mails, criei dois e-mails fictícios, um para cada professor, para onde pude enviar os e-mails e respondê-los, buscando maior veracidade nas cenas. Para conseguir captar com qualidade o que estava sendo escrito, e também focar no detalhe das mãos digitando, fiz a filmagem da tela pelo

aplicativo *OBS Studio* e filmei simultaneamente as mãos digitando, captando também o som da digitação, a respiração e os sons do ambiente.

Na maioria das cenas a paisagem sonora foi composta pelos sons reais presentes no momento da gravação. Porém, há cenas em que acrescentei alguns sons de cachorro latindo, passarinho e avião passando, como o caso da cena do curta 1 em que a personagem está acordando (minuto 07:00).

Para as gravações de cuidados com a mãe, pedi para que minha mãe visse passar uns dias em minha casa. Gravamos a cena presente no roteiro, em que eu lhe entregava medicação, e sentindo a necessidade de haver mais cenas com ela, fui recordando-me de alguns momentos que aconteciam naquela época. Como na cena do curta 1, em que nos alimentamos juntas (minuto 02:30), e nas cenas do curta 2, em que escovo seus cabelos (minuto 01:00) e em que estou tocando violão e cantando em sua companhia (minuto 07:55).

Também precisei de mais alguém para gravar as conversas por *WhatsApp*. Para isso, pedi ajuda a uma amiga, que se prontificou a fazer esse papel. Expliquei a ela o contexto dos áudios e o que gostaria que ela falasse, e ela o fez. Para dar a sensação de áudio gravado e áudio reproduzido, usei a gravação original do meu celular de quando gravei o áudio da minha fala e enviei para ela (baixei o áudio diretamente do aplicativo para o computador), e o áudio da resposta da amiga, gravei de forma externa, reproduzindo-o em som alto.

3.3 ALGUMAS MUDANÇAS

Nem todos elementos presentes no roteiro foram utilizados nos curtas. Da mesma forma, outros elementos e outras cenas surgiram ao longo do processo de filmagem. No entanto, a elaboração do roteiro foi muito importante para que começasse a compreender como materializar aquela ideia.

Como mostra o roteiro, pensei inicialmente em falar o que escrevia enquanto escrevia os e-mails para os professores, porém, conversando com a professora-orientadora, chegamos a conclusão de que o silêncio representaria melhor aquele momento. Silêncio em relação a fala, no caso, pois a presença de outros sons comporiam aquela paisagem sonora, como o som dos dedos digitando no teclado, a respiração, a própria ausência de outras pessoas no ambiente, os cachorros latindo, os pássaros cantando, os aviões passando, etc.

Havia pensado também em talvez recitar algum poema, talvez produzir alguma poesia, mas ao longo do processo acabei não me inspirando em escrever algum, e me interessei bastante pela ideia do silêncio. Durante o momento de isolamento social, o silêncio se tornou uma marca do dia a dia.

No meu caso, antes da pandemia, estava a dois anos e meio realizando estágio remunerado em escolas. Estava habituada a muito barulho. Crianças gritando era o plano de fundo sonoro de todas as minhas tardes. Com o isolamento, os gritos e risadas se transformaram em silêncio, passarinhos, aviões, cachorros e música.

Pensei também em colocar música e capturar um momento de dança livre. Mas adicionar músicas aos vídeos envolveria algumas questões sobre direitos autorais, e a intenção não era produzir vídeos muito longos, então na escolha de elementos para colocar ou não, acabei retirando esta cena. Inseri a música então, elemento importante para mim, como pequeno momento de lazer e reflexão ao tocar violão e cantar, e sempre junto a outros sons do ambiente, proporcionando a sensação de realidade àquele momento.

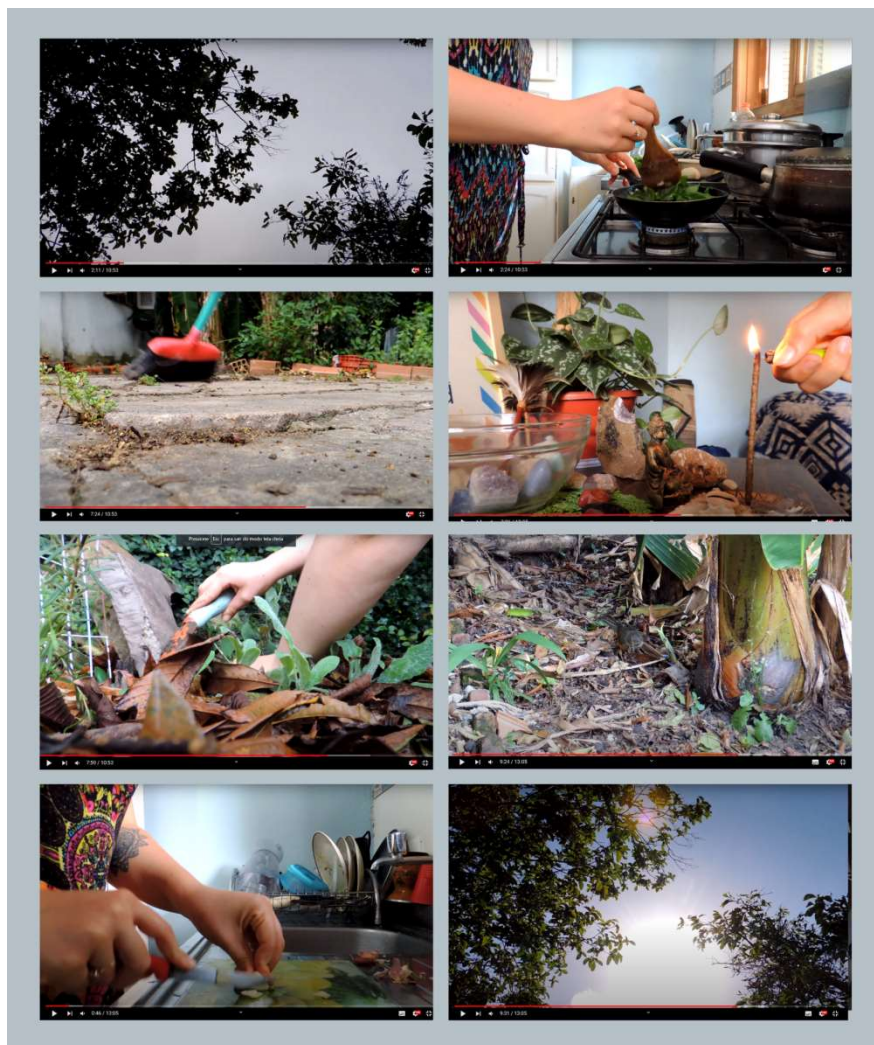
3.3.1 Novos elementos a partir do olhar oblíquo

Desde o início do surgimento da ideia dos vídeos, até a elaboração do roteiro, já estava me permitindo conectar novamente com os sentimentos daqueles momentos difíceis em meio a pandemia e ao Ensino Remoto Emergencial (ERE). Ao me propor a iniciar as gravações, mergulhei de vez nas memórias desses momentos. A maior parte das gravações realizei sozinha. Dormia e acordava pensando o que mostrar, e como mostrar. Nesses dias, intensifiquei meu olhar oblíquo sobre tudo à minha volta, e, a partir deste olhar, foram surgindo novos elementos para os curtas.

Mesmo quando a escritora e poetiza Clarice Lispector (1998a, p. 64) já tendo dito: “Alimento-me delicadamente do cotidiano trivial”, foi com Doreen Massey que pude dar voz a uma perspectiva conceitual e metodológica de investigar o mundo – fazer cidade – a partir daquilo que muitos consideram banal, colocando-os sempre na condição de indignidade investigativa, qualificando-os, muitas vezes, como indignos de se tornar objeto de preocupação científica. Contrariamente, isso é o que me interessa: sermos habitados pela “harmonia secreta da desarmonia”, ou aquilo que “não o que está feito mas o que tortuosamente ainda se faz” (Lispector, 1998a, p. 12). É possível? (QUEIROZ FILHO, 2018, p.61).

Ao escrever o roteiro, já tinha em mente que poderiam surgir elementos ao longo dos dias das gravações, e fiz questão de me manter aberta a percepção desses elementos, alterando o roteiro sempre que uma nova ideia surgisse. Assim, foram surgindo cenas como as presentes no quadro da Figura 1. Dessa forma, nos curtas há uma mescla de cenas reproduzidas baseadas na realidade daquele momento, e cenas reais, presentes em meu dia a dia, afinal, ainda estamos em isolamento social.

Figura 1: quadro de cenas reais presentes nos curtas.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Olhar para o céu, com as árvores balançando, ouvindo aquela paisagem sonora; perceber o som da vassoura passando pelo chão e das folhas secas sendo arrastadas; o som da cebola fritando na frigideira; o ato de plantar uma muda (no caso era uma ora-pro-nóbis) ao som dos passarinhos mesclado aos sons produzidos

pelo ambiente urbano; o ato de picar temperos para a comida; acender um incenso; observar o passarinho caçando seu alimento. Todos esses foram elementos observados ao longo das gravações a partir da busca de um olhar oblíquo.

A tentativa de apresentar esse olhar se deu também através da forma como optei por filmar as cenas. Como já foi dito, não tinha conhecimento algum sobre técnicas de filmagem ou posicionamento de câmeras. O que tinha era uma câmera e a busca por um olhar oblíquo sobre os acontecimentos diários, aquilo que passa despercebido pela nossa pressa. Dessa forma, busquei evidenciar os detalhes: as mãos digitando, cozinhando, lavando louça, costurando, escovando os cabelos da mãe, tocando violão embaixo de uma árvore; a vassoura passando pelo chão; o olhar para o teto ao dormir e ao acordar; os olhares entre mãe e filha enquanto contemplam um momento de lazer e arte; o incenso sendo aceso numa espécie de altar e a fumaça produzida por ele, etc.

Por reconhecer as consequências psicológicas geradas pelo período de pandemia, em especial aos estudantes que tiveram que permanecer em isolamento e manter suas atividades de ensino e muitas vezes de trabalho deste modo, por sugestão da professora-orientadora, elaborei uma lista (que foi adicionada ao final de cada curta) de instituições da cidade de Porto Alegre/RS e algumas da região metropolitana, que oferecem atendimento psicológico gratuito ou a baixo custo, algo relevante, considerando a difícil situação econômica vivenciada por um grande número de estudantes. Ao elaborar a lista entrei em contato com cada uma das instituições, a fim de me certificar de que estavam realizando atendimento, e quais os valores e condições de acesso.

3.4 EDIÇÃO

A edição ocorreu após ter iniciado as filmagens. Por ter escolhido permitir esse processo fluido de criação das cenas, optei também por ir adicionando as cenas ao programa de edição aos poucos. O programa utilizado foi o *Vegas Pro* versão 17.0. Eu não tinha conhecimento prévio sobre edição de vídeo, então contei com a ajuda do meu irmão Rafael para me dar algumas noções iniciais de como utilizar o programa. Ao longo do processo de edição foram surgindo dúvidas, assim como sobre o processo de renderização do vídeo (processo em que ocorre a incorporação do material bruto, a unificação dos recortes dos vídeos, legendas,

áudios, etc; em um único produto final), às quais as respostas encontrei na plataforma *YouTube*.

Editar os vídeos foi um processo demorado, mesmo que eu tenha optado por fazer uma edição simples, sem muitos efeitos. Nem mesmo efeitos de transição utilizei entre as cenas, de forma proposital. Achei necessário também colocar legendas, visto que na maioria das cenas havia muitos sons paralelos às falas, e também tive a impressão de que a leitura das legendas poderia chamar mais atenção para o que estava sendo dito.

Após toda a edição (recortar vídeos, sons, vozes, adicionar alguns sons as cenas, etc.) fiz o processo de renderização que durou cerca de seis horas para cada vídeo. Depois, adicionei a plataforma *YouTube*, que levou cerca de três horas para processar a versão HD de cada curta.

4 “PENSER AUTREMENT”: PANDEMIA, ISOLAMENTO, TECNOLOGIA E ENSINO

Aceitar a oportunidade e a relevância desta tarefa de “penser autrement” (Foucault) o pensamento - de pensar “outramente”, pensar outra mente, pensar com outras mentes - é comprometer-se com o projeto de elaboração de uma teoria antropológica da imaginação conceitual, sensível à criatividade e a reflexividade inerentes à vida de todo coletivo, humano e não- humano (CASTRO, 2015, p. 25).

Este capítulo trata disso, finalizar, ao menos no nível da escrita, o projeto antropológico da imaginação, sensibilidade e criação inerente a vida, meu (nosso) desejo é que ele possa reverberar entre inúmeras outras vidas.

4.1 PANDEMIA

Absolutamente todas as pessoas do mundo foram, em alguma medida, atingidas pela pandemia e suas consequências. Muitas mudanças foram necessárias. A grande maioria das pessoas nascidas após a Segunda Guerra Mundial, não sabia o que era conviver com o medo iminente da morte e a incerteza se estaria vivo, ou se seus familiares e amigos estariam vivos e saudáveis no dia seguinte. É evidente que ninguém tenha essa certeza, em nenhum momento da vida, mas dependendo do contexto, como em situações de guerras e pandemias, essa incerteza é muito maior e mais significativa. Ressalvo também, que utilizei a expressão "grande maioria", pois tenho consciência de que existiram e existem pessoas vivendo em situação de guerra em determinadas regiões do planeta. Sem precisar ir longe, como no caso de países do oriente médio, lembro-me do ambiente hostil, característico de guerra, proporcionado pela guerra às drogas. Pessoas habitantes das periferias de grandes centros urbanos tem suas geografias atravessadas por esse medo iminente da morte há muito tempo.

No entanto, acredito que haja sim uma grande maioria de pessoas que não estavam habituadas a conviver com esse medo de forma tão intensa. Acredito também que, mesmo as que já estavam, foram impactadas também de alguma forma. Certamente tornou-se um perigo a mais. Ninguém esperava que uma pandemia gerada por um vírus aconteceria agora. Não é fácil para ninguém seguir sua vida cotidiana, trabalhar, estudar, se relacionar, quando uma ação cotidiana como a ida ao mercado, pode determinar se estará vivo e saudável amanhã.

Produzi este trabalho em um momento em que boa parcela da população já está vacinada (inclusive eu), e que começamos a vislumbrar a possibilidade de retomada das atividades como eram antes da pandemia, embora ainda estejamos em situação de pandemia. No entanto, para realização dos curtas, precisei relembrar momentos mais difíceis da pandemia, e, por isso, falarei no tempo passado, por se tratar de lembranças e reflexões sobre aquele momento crítico, a pouco menos de dois anos, mas ressalvo que muito do que foi relatado (como o aumento do desemprego e a presença, no Brasil, de um governo federal contrário a ciência) ainda está acontecendo ao longo da produção desta pesquisa.

Houve momentos em que tivemos que conviver com notícias diárias sobre números cada vez maiores de pessoas infectadas, e de número de óbitos. Junto a essas notícias, éramos informados que o Brasil não estava comprando vacinas suficientes, enquanto o presidente afirmava em entrevista, que “não é cozeiro”, na tentativa de tirar sua responsabilidade pelo número de óbitos do país ao qual preside.

Figura 2: Cena presente no curta 01, minuto 02:43.



Na cena da Figura 2, busquei retratar esse atravessamento do cotidiano normal pela pandemia. É um hábito comum, pelo menos entre os brasileiros, alimentar-se ouvindo notícias. Os principais noticiários de televisão são inclusive em horários em que a população geralmente está se alimentando, como o horário do almoço e da janta, sendo estes uns dos poucos momentos de descanso dos

trabalhadores. Neste caso, a notícia era justamente sobre esse crescimento no número de casos para 189 mil (número que cresceu tanto a ponto de hoje o número de óbitos no país ser de 612 mil).

Ficamos habituados a conviver com tais números. Números que aos poucos foram se tornando nomes, e, para muitos, motivos de luto. Paralelo a isso, crescia o desemprego (e ainda cresce), houve (e ainda há) a luta pela solicitação do auxílio emergencial¹⁸, os momentos de angústia por haver algum familiar em situação relativamente grave por contrair o Coronavírus, a luta para curar-se da doença (para quem a contraiu), a necessidade de apoio a amigos em situação de luto, etc; e uma esperança: a vacina.

Porém, no caso do Brasil, havia uma força contrária a essa única esperança: um governo que não respeitava o conhecimento científico, inclusive fomentando a desobediência de medidas recomendadas pela ciência, como a prática do isolamento social, necessária para conter as mutações do vírus enquanto fossem produzidas e aplicadas as vacinas, para garantir o funcionamento delas. Justamente por desrespeitar a ciência, indo na contramão dos avanços produzidos pela pesquisa científica, no momento em que mais precisávamos dela, o governo de Bolsonaro efetuou cortes significativos na oferta de bolsas de pesquisa.

Considerando a relevância disso para o contexto da realidade trazida nos curtas, ainda mais por se tratar das geografias da vida de uma estudante da graduação, que na necessidade de obter alguma renda, teve que aprender a produzir e comercializar máscaras de proteção facial, vi necessidade de trazer essa informação em algum dos curtas. As Figuras 3 e 4 ilustram a forma que encontrei para representar essa situação: as mãos produzindo máscaras, o som da máquina de costura atravessando o som de uma notícia que está sendo reproduzida ao fundo, informando os cortes nos financiamentos das bolsas.

¹⁸ Benefício oferecido pelo Governo Federal para pessoas desempregadas, trabalhadores autônomos, informais e microempreendedores individuais com o objetivo de oferecer uma renda mínima frente aos impactos econômicos causados pela pandemia. No texto refiro-me como “luta” para solicitação do benefício, pois foram cometidos muitos erros no processo burocrático de concessão do benefício, dificultando seu acesso. A mim, por exemplo, o sistema interrompeu o benefício na quarta parcela informando que eu era funcionária pública, e eu não era. Para conseguir o benefício foi necessário abrir processo pela Defensoria Pública da União, e aguardar alguns meses para receber.

Figura 3: cena do curta 2, costurando ouvindo notícias (minuto 01:59)



Figura 4: cena do curta 2, costurando ouvindo notícias (minuto 02:02)



Para além dessas e de outras mudanças e dificuldades no cotidiano relacionadas à pandemia, as questões pré-existentes ao início desse período permaneceram. Pessoas que já tinham que lidar com certas dificuldades como questões familiares, questões de saúde, problemas em relacionamentos, tiveram suas geografias ainda mais atravessadas. Pensando em formas de representar esse atravessamento, recordei-me das dificuldades que eu enfrentava naquele momento, como cuidar da minha mãe, que precisava de mim, enquanto tentava estudar, trabalhar e enfrentar todas as dificuldades do período pandêmico. Buscando representar esse gesto de cuidado com ela em meio a tudo isso, reproduzi um momento de cuidado que era frequente, o momento de arrumar seus cabelos, como nas Figuras 5 e 6. Para representar esse atravessamento, enquanto

escovava seus cabelos, rodava uma notícia sobre a falta de vacinas em alguns estados brasileiros.

Figura 5: cena do curta 2, escovando os cabelos da mãe (minuto 01:03)

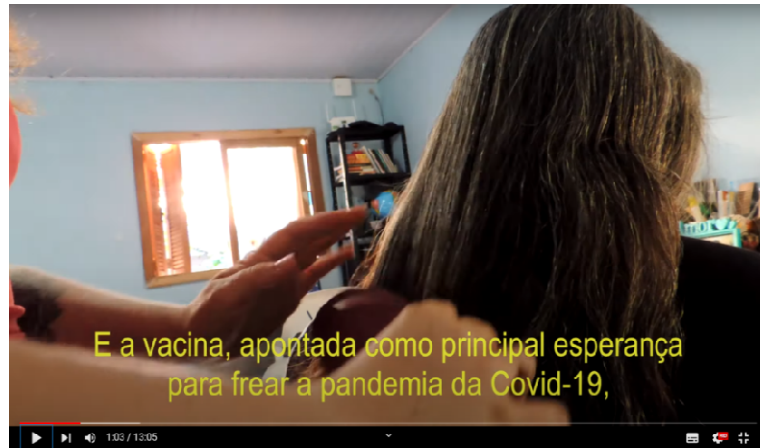


Figura 6: cena do curta 2, escovando os cabelos da mãe (minuto 01:10)



4.2 ISOLAMENTO

Parte da mudança no dia a dia provocada pela pandemia, foi o isolamento social. Exercer atividade remunerada¹⁹ em isolamento acabou sendo um privilégio (embora não tenha sido algo agradável, sendo inclusive bastante problemático em vários aspectos), considerando a diminuição do risco de contaminação que essa medida proporciona, e que boa parte da população, que exercia atividades essenciais, realizadas obrigatoriamente de forma presencial, não teve acesso a tal

¹⁹ Na revisão do texto para a entrega final percebo que o que eu chamava de atividade remunerada e um privilégio, trata-se de um trabalho precário e mal remunerado.

medida em suas atividades de trabalho. No entanto, o isolamento teve que ser praticado por todos, de forma mais ou menos restrita, nas atividades de lazer e no convívio com pessoas que não residiam na mesma casa.

É um tanto contraditório talvez, e com isso fonte de certa indignação e revolta, que se cobre dos trabalhadores atuar de forma presencial em seus trabalhos, e exigir que fiquem em casa, isolados, em seu momento de folga. Tornou-se ainda mais pesado trabalhar com o risco de contaminação, e sem poder exercer atividades de lazer e interação social nas poucas horas livres. Além disso, passar por toda essa situação sem poder abraçar as pessoas as quais temos afeto, tornou toda essa realidade ainda mais dura.

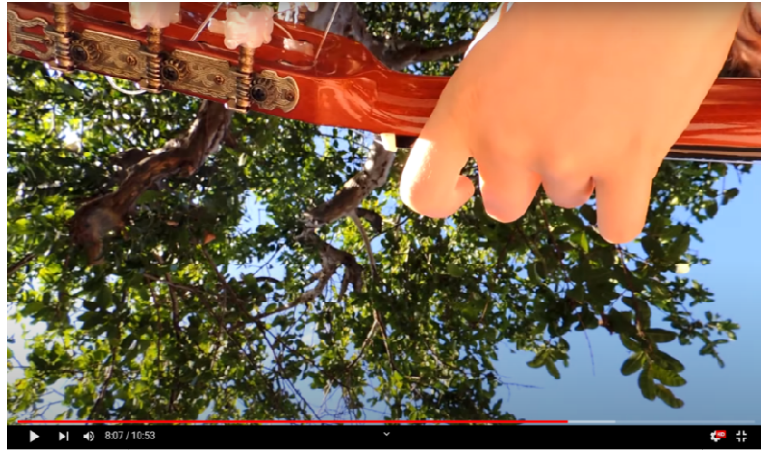
Acredito que nesse momento, a arte tenha entrado como forma de acalento, acolhimento. Pelo menos para mim, ela sempre toma esse espaço acolhedor e de certa forma terapêutico. Com isso, parte da representação desses momentos de solidão do período de isolamento nos curtas, aconteceram através da captura de um momento tocando violão, e de momentos do cotidiano sendo exercidos em silêncio, somente com a presença dos sons daquela paisagem, como nos momentos das Figuras 7 e 8.

Figura 7: cena do curta 1, varrendo o pátio, minuto 07:23



Varrendo o pátio em silêncio (sem fala), com apenas o som da vassoura ao passar pelo chão, e os sons daquele ambiente, produzindo uma paisagem sonora.

Figura 8: cena do curta 1, minuto 08:07. Aparentemente sozinha tocando violão.



Com a necessidade de isolamento, boa parte das relações pessoais, inclusive contato familiar, passou a ser feita de forma remota. Ao longo do período de isolamento, fomos descobrindo tecnologias que facilitaram e intermediaram esse contato. No campo da educação, uma área onde foi amplamente adotado o distanciamento social, as relações passaram a ser totalmente remotas, dificultando a relação professor-aluno, o planejamento das aulas, e a sensibilidade sobre a vida do aluno, embora fosse esse o momento em que haveria maior necessidade dela.

4.3 TECNOLOGIA E ENSINO

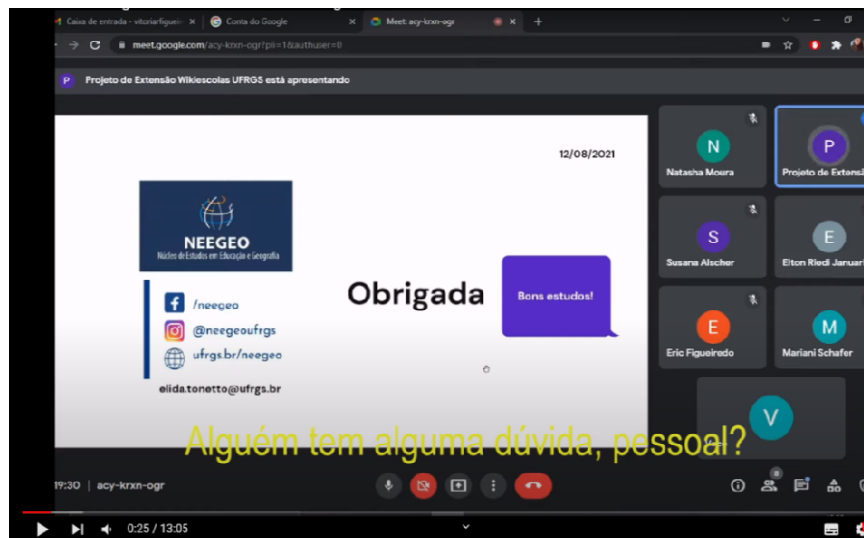
Visto que me propus a falar aqui sobre ter sensibilidade em considerar as geografias dos alunos na hora do planejamento das aulas e ter flexibilidade quanto a esse planejamento, adaptando-o às necessidades dos alunos quando for necessário; não poderia deixar de considerar o ensino remoto e as relações remotas, mediadas por diferentes tecnologias, em especial as digitais. Se antes da pandemia, com as aulas presenciais, já era desafiador compreender a realidade dos alunos e planejar de acordo com essas realidades, no ensino tornou-se uma atitude ainda mais desafiadora.

A adoção repentina do ensino remoto pelas instituições de ensino teve muitas implicações. Foi necessário pensar no acesso às tecnologias necessárias, bem como aos recursos que antes eram oferecidos por muitas dessas instituições,

especialmente as públicas, como alimentação adequada e ambiente seguro e adequado (na medida do possível) para participação das aulas e realização das atividades estudantis.

No período de pandemia, o ambiente para estudo passou a ser a própria casa, e o convívio com professores e colegas foi reduzido a breves contatos através de plataformas de videoconferências como o *Google Meet*, *Zoom*, *MConf*²⁰ outras. Nessas chamadas, tornou-se comum que os alunos não abrissem suas câmeras e microfones, e o espaço que antes era o da sala de aula, repleto de sonoridades, risadas e conversas paralelas, transformou-se em um espaço de silêncio absoluto entre frases de uma espécie de monólogo dos professores.

Figura 9 - Primeira cena do curta 2: minuto 00:25



. Professora em uma aula, fazendo perguntas aos cinco alunos presentes, mas sem obter resposta alguma.

Tal formato de aula tornou-se frustrante para os professores habituados às interações com os alunos. Professores que tinham como base de seu planejamento a realidade dos alunos e as participações deles nas aulas, encontraram muita dificuldade em planejar. Para os estudantes, o ambiente doméstico, junto aos familiares, muitas vezes compartilhando dos mesmos aparelhos (como

²⁰ *Google Meet, Zoom, MConf são plataformas de videoconferência que foram e ainda são amplamente utilizadas ao longo da pandemia como forma de estabelecer comunicação entre grupos, como reuniões de trabalho e realização de aulas remotas, permitindo que todos conversem ao vivo, e também gravem as reuniões para que possam ser assistidas posteriormente.*

computadores e celulares), acabou também por prejudicar a atenção às aulas e a realização das atividades.

Nesse contexto, o convívio familiar (que nem sempre é saudável), as atividades domésticas (como alimentação e limpeza da casa), as aulas a serem assistidas, as atividades a serem realizadas, o trabalho (quando remoto), etc; todos passaram a acontecer no mesmo espaço, e com as mesmas pessoas, ou em solidão. O momento, que muitas vezes era o único de convívio social e contato com pessoas diversas, deixou de existir, e sem previsão de retorno à normalidade. Por mais que gostaríamos, as notícias não favoreciam para que mantivéssemos as esperanças, de um retorno à vida normal em poucos meses. Os números de infectados e de óbitos aumentavam diariamente de forma assustadora.

Aos poucos, fomos adotando um novo ritmo e uma nova organização, levando em conta todas essas paisagens (da escola, do trabalho, das amizades, da família), e um único espaço, o da própria casa. As câmeras e microfones fechados dos alunos, permitiam que exercessem outras atividades em paralelo. Comigo, e com colegas próximos a mim, isso não foi diferente. Muitas vezes o único momento possível para assistir alguma aula, era durante a realização de atividades domésticas, visto que haviam muitas outras demandas naquele momento de pandemia.

Figura 10 - primeira cena do curta 1, estudante lavando louça enquanto escuta uma aula, minuto 00:02



Conforme a figura 10, optei por iniciar o primeiro curta justamente representando essa situação. Enquanto a aluna lava a louça, em meio aos sons

estridentes dos talheres sendo ensaboados e colocados em cima dos pratos, é possível ouvir um professor encerrando uma aula e solicitando a entrega de uma atividade. Ele também faz perguntas, mas, por estar na verdade lavando louça, e não em frente ao computador, a aluna não tem como respondê-lo.

4.3.1 Apresentando o Invisível

Cenas como essa se tornaram parte do cotidiano dos estudantes, especialmente aqueles que exercem mais atividades, como trabalho remunerado, ou que são responsáveis pelas atividades domésticas. Estando em casa, é necessário preparar o próprio alimento em todas as refeições²¹. Além disso, sujamos mais o ambiente doméstico, produzimos mais lixo, e considerando que estamos o dia inteiro em casa, é necessária a manutenção contínua da limpeza para que se viva em um ambiente minimamente agradável. Inclusive, sinto que faz sentido compartilhar o comentário²² de uma colega/amiga, enviado por áudio no aplicativo *WhatsApp*, após assistir o primeiro curta:

“Nossa, eu tô até meio emocionada. Obviamente não passei pela mesma situação que tu passou, mas foi difícil pra mim também aquele último semestre, e eu tentei explicar pra ele a minha situação, e ele não entendeu. O que fez ser mais difícil ainda, e daí também fiquei com vontade de cancelar e azar... [...] Aquela primeira cena lavando a louça com a aula no fundo é muito eu, por que né, cozinhar, lavar a louça, fazer as coisas da casa é muito eu enquanto assisto aula, por que é o tempo que eu tenho.”

Concordo que talvez não seja o ideal assistir aula enquanto realiza outras atividades, mas nada estava sendo feito da forma ideal naquele contexto de pandemia e isolamento social. Na verdade, dedicar o tempo das atividades domésticas para assistir/ouvir aulas era sinônimo de dedicação naquele momento. Era o que poderíamos fazer, e estávamos nos esforçando para conseguir dar o nosso melhor dentro das nossas condições.

Quando iniciei a produção dos curtas, parti de reflexões sobre as minhas experiências durante a graduação. Sobre a forma como a minha geografia estava afetando e sendo afetada pela graduação, e o quanto esses impactos facilitavam ou

²¹ Muitos alunos tanto da educação básica, quanto do ensino superior, especialmente estudantes das universidades públicas, como é o caso da UFRGS; são habituados a se alimentar na própria instituição de ensino, como era o meu caso.

²² Sob autorização dela.

dificultavam a minha vida, de acordo com o grau de sensibilidade dos professores com o que eu estava passando, e de disposição para adaptar seus planejamentos. O ponto de partida foi a minha geografia da experiência, e toda essa reflexão se tornou muito importante pra mim.

A longo da graduação, eu percebi que outros colegas também passavam por situações parecidas com os professores, mas não tinha tanta noção do quanto essa discussão poderia ser considerada importante por eles também. No entanto, para mim, ver que eles também sofriam com essas situações, me fez dar ainda mais importância, pois, apesar de partir de mim, nunca foi apenas sobre mim; e assim, produzi os curtas, buscando contemplar aspectos que provavelmente seriam comuns a outros estudantes em situações parecidas a minha.

Não fazia parte do planejamento de realização deste trabalho mostrar os curtas para colegas e observar suas reações, anotar seus comentários; embora tenha pensado como público principal para esses curtas justamente professores, e professores em formação, assim como meus colegas da Licenciatura em Geografia. Mas este trabalho foi se construindo assim em vários aspectos. Permiti, com incentivo da minha professora-(des)orientadora, que as ideias surgissem, e assim fomos trilhando um caminho de certa liberdade de criação.

Curiosa sobre o que as outras pessoas, especialmente colegas da Geografia, pensariam dos curtas produzidos por mim, decidi enviar para alguns colegas/amigos que inclusive já estavam curiosos para assisti-los. Então enviei para dois, e fiquei impressionada com suas reações. Os dois se enxergaram naquela situação trazida pelo curta. Eles já sabiam de boa parte do que eu havia vivido naquele período, mas ao assistir o vídeo, se identificaram ainda mais. Os dois relataram ter ficado emocionados ao assistir, e meu sentimento foi de missão cumprida quanto ao objetivo que eu tinha em mente de justamente proporcionar uma experiência sensível, que conectasse o espectador àquela realidade trazida no curta.

“Eu lembro que quando eu fazia a cadeira dele [...] eu sofria de ansiedade. Eu fazia a cadeira e eu ficava super ansioso antes de assistir a aula, era muito ruim. Muito, muito ruim. Então pra mim esses teus vídeos refletem várias coisas, assim... Eu achei maravilhoso!”

Ao receber esse retorno dos colegas que assistiram os curtas, percebi que aquilo que eu havia criado poderia ser mais importante do que eu imaginava. De

certa forma, esses colegas se sentiram representados naqueles curtas. É difícil passar por essa situação, de não ser compreendido pelo professor, e ser obrigado a aceitar aquela situação de forma dolorosa (com crises de ansiedade antes das aulas por exemplo), ou desistir de tudo. Nos nossos casos não havia muito o que fazer frente aquela situação, e esse sentimento de impotência é terrível.

Refletindo um pouco sobre essa situação, e me conectando com os sentimentos daqueles momentos que vivi, lembrei da sensação de invisibilidade. Esse sofrimento que tanto eu quanto esses dois colegas vivemos, é um sofrimento invisível. Contar sobre a nossa vida pessoal para um professor buscando alguma ajuda ou compreensão, já é uma atitude de grande esforço. Percebi então que o meu movimento de expressar de alguma forma esse meu posicionamento a partir das minhas experiências na graduação, e especialmente na pandemia, acabaram evidenciando, colocando uma espécie de holofote sobre uma dor que é sentida no escuro, nos bastidores, invisível.

O objetivo aqui não é crucificar professores, nem fazer uma denúncia específica as condutas, isso inclusive reduziria o debate a apenas um caso, uma pessoa. E não é esse o ponto. A crítica é a essa forma de planejar, a essa falta de sensibilidade na percepção das geografias dos alunos, e o quanto isso pode gerar consequências difíceis para os alunos, quiçá evasão e exclusão.

Paulo Freire já dizia, quando falava sobre uma educação libertadora, sobre a necessidade de relacionar o homem ao mundo e considerar suas relações com ele:

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. A reflexão que propõe, por ser autêntica, não é sobre este homem abstração nem sobre este mundo sem homem, mas sobre os homens em suas relações com o mundo. Relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa. (FREIRE, 1987, p. 40)

De fato, o contato exclusivamente remoto com os alunos dificultou o contato com suas realidades, suas geografias. O trabalho do professor também foi muito prejudicado na pandemia. Foi necessário adaptar-se às tecnologias, às plataformas digitais. Foi necessário habituar-se com aulas sem interação dos alunos, ou com aulas gravadas para que os alunos pudessem assistir em outros horários. E isso é

frustrante também, eu sei. No entanto, justamente neste mundo em situação de pandemia, deveríamos ter ainda mais sensibilidade, e estar mais atentos aos sinais dos alunos. Trabalhos atrasados não são mais um simples sinal de desleixo, podem ser inclusive sinal de que seu aluno está com uma doença grave, ou que alguém da sua família está, ou que ele está em luto. Crises de ansiedade (como no relato do colega) e depressão também foram problemas recorrentes na pandemia.

Em contrapartida, no segundo curta, trouxe uma situação oposta, uma situação em que a geografia da aluna é acolhida pela professora. Não produzi este segundo curta apenas para que houvessem dois exemplos, mas sim por que tive experiências assim, e percebi o quanto foi importante ter encontrado pessoas com essa sensibilidade que aquela professora teve, para que eu pudesse finalmente produzir esse Trabalho de Conclusão de Curso, e ser oficialmente Licenciada em Geografia. Essas pessoas sensíveis que felizmente cruzaram pela minha geografia, foram determinantes para que eu não desistisse dos meus planos, e acreditasse na minha capacidade de ser mais.

5. POR UMA CARTOGRAFIA (COM)PARTILHADA DO SENSÍVEL

Ao produzir os curtas, buscando mapear o sentir, a partir dos elementos sensíveis presentes na experiência cotidiana dos estudantes durante o Ensino Remoto Emergencial, entendo que os curtas acabaram por apresentar uma cartografia (com)partilhada do sensível.

Cartografia:

é um conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo como base os resultados de observações diretas ou a análise de documentação já existente, visa a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão gráfica ou representação de objetos, elementos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como sua utilização. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE)

Compartilhar: “ter ou tomar parte em; arcar juntamente. Compartilhar com, partilhar com.” (Oxford Languages – dicionário da plataforma *Google*)

Sensível: 1. que sente; que tem sensibilidade. 2. receptivo a impressões sensoriais. (Oxford Languages – dicionário da plataforma *Google*)

Trago aqui o conceito de cartografia conforme o IBGE, por ser o que comumente é conhecido por cartografia. No entanto, nessa pesquisa, busquei extrapolar esse conceito, expandir, por entender o espaço não como um elemento estritamente físico, palpável e mensurável, mas também um espaço repleto de multiplicidades, subjetividades e interações, tomando-o também político.

Podemos dizer que o ato de ler mapas não se esgota na decodificação pura de seus elementos (sinais gráficos e palavras), mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo e que a leitura do mapa não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo ou de descrevê-lo, de transformá-lo através de nossa prática espacial (GIRARDI, 2014, p.88).

Por isso, considero este trabalho, como uma cartografia do sensível, justamente por ser sim uma operação de técnicas, no caso artísticas, e com base em observações, reflexões e análises, porém a partir de elementos sensíveis, presentes nesse espaço, e que são importantes de serem considerados em nossa forma de “escrevê-lo ou descrevê-lo” em nossa prática espacial, como diz GIRARDI (2014 p.88).

Elementos sensíveis, portanto, por reconhecer as geografias com “g” minúsculo, para além da Geografia (Acadêmica ou Escolar), considerando a experiência cotidiana no espaço como produtora de outras cartografias, para além da Cartografia com C maiúsculo, “isso seria, nos termos do poeta Manoel de Barros (2010b), fazer da Geografia Contemporânea um “esticador de horizontes”, portanto, uma Geografia que toma o mundo como uma potência criadora e criativa para suas – muitas – grafias” (QUEIROZ FILHO, 2018, p.70-71). E compartilhada pois, apesar do objeto de estudo ter surgido a partir de experiências minhas, essas são também experiências coletivas.

Ao longo do trabalho e da produção dos curtas, buscamos justamente sentir os elementos que também remetessem as experiências de outros alunos, visto que este momento de pandemia, isolamento e ensino remoto foi (e neste momento ainda está sendo) vivenciado por pessoas do mundo inteiro. Podemos também tomar o sentido de compartilhar, pela forma como, a partir da produção dos curtas, temos a possibilidade de apresentar parte dessa experiência vivenciada neste momento de pandemia, compartilhando com outros, inclusive com pessoas que não tenham vivenciado o Ensino Remoto Emergencial, bem como, talvez, em um momento pós-pandemia, compartilhar com pessoas que não tenham vivenciado esse momento histórico.

Para além dessa análise a partir dessas definições das palavras cartografia, compartilhar e sensível, considero também e tomo como base para realização deste trabalho, a ideia de “*lapartagedusensible*” ou partilha do sensível, de Ranciere, pois:

une as discussões sobre política e estética, na medida em que o entendimento desta leva em consideração formas de intuição sensível a priori, o que significa dizer que o modo como as coisas se tornam perceptíveis é determinado pelo tempo e espaço. Isso posto, pode-se considerar que tempo e espaço são políticos na medida em que a maneira como aparecem definem configurações de subjetividade e participação política. (GOMES, 2014 p. 106).

Dessa forma, tomando o espaço e tempo como políticos, a partir de uma relação entre política e estética onde a política seria responsável por determinar:

formas de subjetivação em que se configuram as formas de participação política é justamente a participação política quem encontra mais obstáculos à sua realização, devido ao sistema de distribuições sensíveis, que determina quem pode ser ouvido ou visto (GOMES, 2014 p. 106).

A partir dessa análise de Rancière, traço um paralelo com a necessidade do olhar oblíquo, o qual busco experimentar em todo o processo de realização desta pesquisa, a fim de perceber a partir do sensível compartilhado entre a comunidade, elementos que possam estar além do que é determinado pela estética-política do que “pode ser ouvido ou visto”, sendo “a chave para a compreensão da partilha do sensível é a tensão entre uma prática específica da percepção e da sua dependência implícita com objetos pré-concebidos considerados dignos de percepção”. (GOMES, 2014 p. 107). Por considerar também o conceito de “partilha do sensível” de Rancière, me permiti isolar o prefixo “com” da palavra compartilhar, a fim de provocar também à interpretação a partir desse conceito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a ideia inicial do trabalho, ainda que na intenção de estabelecer relação entre ensino de geografia e a música, tratava-se de um uso mecanicista da música, reduzindo-a a uma simples ferramenta, com objetivo de simplesmente aplicar um conteúdo pré-definido pela Base Nacional Curricular Comum; observa-se que os resultados foram além do que poderíamos (pesquisadora e orientadora) imaginar naquele momento.

Na verdade, justamente a imaginação, ou devir criação, junto à liberdade de criação pelo desapego às formas e modelos pré-estabelecidos, permitiu que o trabalho tomasse outras proporções. A partir dessa liberdade de criação, a interação surpreendentemente positiva entre minha professora-orientadora e eu, aluna-pesquisadora, acabou se transformando em um dos objetos de estudo do trabalho.

Ao mesmo tempo em que refletia sobre minhas geografias e experiências com outros professores, era orientada e incentivada pela professora-orientadora a me expressar e acreditar em minhas potencialidades. Dessa forma, a própria relação professora-aluna durante a elaboração da pesquisa acabou por tornar-se um exemplo do objetivo que estávamos buscando com o trabalho: um planejamento flexível, sensível às geografias dos alunos.

Como resultado de todo esse incentivo, consegui produzir dois curtas, algo que nunca havia feito, nos quais expressei meus sentimentos, percepções e olhares sobre a relação professor-aluno a partir de experiências minhas, provocando tais reflexões justamente através de algo sensível, a arte. Com isso, e com o auxílio do embasamento teórico baseado em autores do campo da Filosofia, da Geografia e da Arte, conseguimos traçar um paralelo entre o olhar sensível e oblíquo que a arte proporciona, e a habilidade dos professores em perceber e considerar em seus planejamentos as geografias dos alunos, a partir da partilha do sensível, através dos curtas e das reflexões ao longo da pesquisa, produzindo uma cartografia (com)partilhada do sensível.

Conseguimos também a partir da experiência dos curtas, que acabou por ser um processo pessoal também de descoberta das minhas potencialidades e de empoderamento, trazer à tona os impactos que a relação professor-aluno-contexto pode causar à vida dos alunos. Conseguimos expor nas telas dos computadores um

sofrimento que é sentido em silêncio, principalmente em um contexto de isolamento social, consequência da pandemia pelo Covid-19.

Através dos comentários dos colegas ao assistir os curtas, percebemos que sua importância se tornou ainda maior, pela forma como estes colegas sentiram-se representados, frente ao sentimento de impotência e silenciamento que passar pelas situações apresentadas nos curtas pode gerar. Também a partir dos comentários dos colegas, percebi que os objetivos de proporcionar uma experiência sensível, de forma a fazer o espectador conectar-se àquela geografia através dos sentidos, a partir de todos elementos cuidadosamente pensados na produção dos curtas, foi atingido.

Ao finalizar este trabalho percebo também que o resultado dele, seu produto final, com os curtas produzidos e todas as reflexões que ele provocou em mim, tanto sobre minha capacidade de criação, quanto sobre as experiências das minhas relações professor-aluno-contexto, junto a outras experiências de vida, à vida no contexto pandêmico, e sobre a relação da arte com a geografia; todo esse resultado, acabou por confirmar, se tornar prova, do que uma relação professor-aluno-contexto com maior sensibilidade pode proporcionar.

E que a presença física na relação professor-aluno não seja abandonada por nossas instituições de educação públicas, é um desejo-manifesto enquanto estudante que vivenciou o isolamento do Ensino Remoto Emergencial (ERE) por quase dois anos.

REFERÊNCIAS

BELCHIOR, Antônio Carlos. Alucinação. In: BELCHIOR, A. C. **Alucinação**. PolyGram, 1.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Trad. Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de A. Barros. Maceió: EDUFAL/UNESP, 2010.

CASTRO, Eduardo V. **Metafísicas Canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Trad. Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

COLASANTI, Marina. Eu sei, mas não devia. **Coleção Melhores Crônicas de Maria Colasanti**. Editora Global: São Paulo, 2019, p. 976.

CORAZZA, Sandra Mara. Planejamento de ensino como estratégia de política cultural. In: MOREIRA, Antonio Flavio B. (Org.). **Currículo**: questões atuais. Campinas: Papyrus, 1997, p. 103-143. Disponível em: https://www.ufrgs.br/faced/wp-content/uploads/2021/07/Planejamento-de-ensino-como-estrategia-de-politica-cultural_Luciane-Uberti.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

DELEUZE, Giles. **Crítica e Clínica**. Trad.: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

DAMICO, José. & KLAIN, Caren. O uso da etnografia pós-moderna para a investigação de políticas públicas de inclusão social. In: MEYER, D. E.; PARAISO, M. A. **Metodologias de Pesquisa Pós-Críticas em Educação**. 1. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, cap. 3, p. 63-83

FRANÇA, Livia Mara Botazzo. Fissuras e aberrações: os paradoxos de Deleuze aplicados à criação artística, In: **ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS**, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2620-2633. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro_FRAN%C3%87A_L%20C3%ADvia_Mara_Botazzo_2620-2633.pdf. Acesso em: 02 set. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987.

GASTALDO, Denise. Pesquisador/a desconstruído/a e influente? Desafios da articulação teoria-metodologia nos estudos pós-críticos. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAISO, Marlucy Alves. **Metodologias de Pesquisa Pós-Críticas em Educação**. 1. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, Prefácio, p. 9-13.

GOMES, P. A Partilha do Sensível. **Revista Brasileira de Bioética**, São Paulo, 2014, v. 10, n. 1-4, p. 106-1-9. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbb/article/view/7703>Acesso em: 15 nov. 2021.

HANNAN, Jerry. Society. In. VEDDER, Eddie. **Into the Wild**. J Records, 2007.

GIRARDI, Gieli. Modos de ler mapas e suas políticas espaciais. Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, n-36, p. 85-110, jul/dez de 2014.
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/19960>

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;**Vocabulário e Glossário**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/metodos-e-outros-documentos-de-referencia/vocabulario-e-glossarios/16496-dicionario-cartografico.html?=&t=sobre>. Acesso em: 15 nov. 2021.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Trad. Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LISPECTOR, C. **Paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

_____. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MASSEY, Doren. A Mente Geográfica. **GEOgraphia**. Niteroi, v.19, n.40, p.36-40, mai./ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13798/8998>. Acesso em 20 ago. 2021.

_____. & Keynes, M. (2009). Filosofia e política da espacialidade: Algumas considerações.**GEOgraphia**, v.6n.12, p. 7-23, dez. 2004. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/13477/8677/52825>

_____.**Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MAUTNER, Jorge; PIRES, Nelson Jacobina Rocha. Lágrimas Negras. In: COSTA, Gal. **Cantar**. Philips,1977. (Disco)

PIRES, Antônio; GALVÃO, Luis. Mistério do Planeta. In: NOVOS BAIANOS, **Acabou Chorare**. Som Livre, 1972.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. **Corporema**: por uma geografia bailarina. 1. ed. Vitória: Antonio Carlos Queiroz Filho, 2018. E-Book. Disponível em: https://www.academia.edu/36411127/Corporema_por_uma_Geografia_Bailarina?email_work_card=title. Acesso em: 02 ago. 2021.

_____ ; BORGES, Rafael. Henrique. M. F. Ver de Ouvir ao Caminhar: mapear narrativo dos lugares e paisagens de um corpo sonoro polifônico (experimentações em binauralaudio). In. **DRIFTING BODIES/FLUENT SPACES**, 2020, Guimarães. **Anais eletrônicos...** Guimarães EAUM/Lab2PT/Universityof Minho, 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1g4zgx0V5P-C_wZcg6VEfR5msdFdSKwkX/view. Acesso em: 05 ago. 2021.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do Sensível**: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. 2a Ed, São Paulo; Editora 34, 2009. p.72

TAVARES, Gonçalo. **Atlas do corpo e da imaginação**: teoria, fragmentos e imagens. Alfragide-PT, Leya, 2013.